

Fátima Satsuki de Araujo Iino

**PESCADORES ARTESANAIS NA PRAIA DA *TESOURA*,
LAGUNA/SC: REFLEXÕES SOBRE SOCIABILIDADES E
APROPRIAÇÕES DO ESPAÇO.**

Dissertação de mestrado
submetida ao Programa de Pós-
graduação em Antropologia Social da
Universidade Federal de Santa
Catarina para a obtenção do Grau de
Mestre em Antropologia Social.
Orientadora: Profa. Dra. Alicia Norma
González de Castells.

Florianópolis
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Araujo Iino, Fátima Satsuki de

Pescadores artesanais na Praia da Tesoura, Laguna/SC :
Reflexões sobre sociabilidades e apropriações do espaço /
Fátima Satsuki de Araujo Iino ; orientadora, Alicia Norma
González de Castells - Florianópolis, SC, 2017.
125 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.
Programa de Pós-Graduação Multidisciplinar em Saúde.

Inclui referências

1. Saúde. 2. Antropologia Urbana. 3. Pescadores
artesanais. 4. Espaço público. 5. Práticas cotidianas.
I. González de Castells, Alicia Norma . II. Universidade
Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação
Multidisciplinar em Saúde. III. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

“Pescadores artesanais na praia da *Tesoura*, Laguna/SC:
reflexões sobre sociabilidades e apropriações do espaço”


Fátima Satsuki de Araujo Iino


Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Alicia Norma González de Castells

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social, aprovada pela Banca composta pelos seguintes professores (as):



Prof.^a Dr.^a Alicia Norma González de Castells (Presidente – PPGAS/UFSC)


Prof.^a Dr.^a Sônia Weidner Maluf (PPGAS/UFSC)


Prof.^a Dr.^a Márcia Regina Calderipe Farias Rufino (PPGAS/UFAM)


Prof.^a Dr.^a Camila Sissa Antunes (UFFS)
(por videoconferência)


Prof.^a Dr.^a Carla Maria Almeida (Universidade do Algarve/CRIA/Portugal)
(por videoconferência)


Prof.^a Dr.^a Vânia Zikan Cardoso (Coordenadora PPGAS/UFSC)

Florianópolis, 16 de fevereiro de 2017.

Aos meus filhos Caetano e Gio.
Que a nossa Tropicália permaneça
ocupando toda a cidade!

AGRADECIMENTOS

Durante o período que me dediquei ao mestrado, últimos três anos, muitas pessoas contribuíram para a conclusão dessa etapa da minha vida, direta ou indiretamente. Foram colaborações referentes à vida acadêmica, ao trabalho de campo e ao âmbito pessoal, que me ajudaram a chegar até aqui e fortaleceram minha existência. Agradeço a todos com muito carinho:

À minha querida orientadora, professora Alicia Norma González de Castells, meu profundo agradecimento pela acolhida, respeito, paciência, orientações e amizade que desenvolvemos nesse tempo juntas. E também, por ter me convidado a integrar o NAUI e o projeto, “Educar, Documentar e valorizar para preservar a pesca artesanal com o auxílio dos botos em Laguna”, que deu origem a essa dissertação. Foi muito positivo e enriquecedor o trabalho que fizemos juntas.

Aos idealizadores do projeto, os arquitetos Wellington Linhares e Fabrício Rocha, meus agradecimentos tanto pela oportunidade de integrá-lo e por me apresentarem a pesca de Laguna e seus pescadores. Ao fotógrafo Ronaldo Amboni, pelas belas fotografias.

Aos meus colegas do NAUI que integraram a equipe do projeto, Jonatan, Natália e Ayla, obrigada pelos debates, observações, transcrições e fotografias, foram essenciais! E também a todos colegas do NAUI, Ana Cristina, Mariela, Caetano, Dagoberto, Patrícia, Paola, Simone, Camila e Rafael, obrigada pelo apoio, leituras e ajudas.

Ao Programa de Pós Graduação em Antropologia da UFSC e os funcionários Zé Carlos e Ana Corina. E a todos os docentes do programa com quem tive contato e de alguma maneira, engrandeceram minha formação acadêmica.

Aos professores da minha banca de qualificação, Maria Eugenia Domínguez e Rafael Bastos. Obrigada pela leitura, participação e direcionamento.

Às professoras que aceitaram integrar a banca de defesa da presente dissertação, Sonia Weidner Maluf, Márcia Regina Calderipe Farias Rufino, Carla Maria Almeida, María Eugenia Domínguez e Camila Sissa Antunes.

Ao meu professor da graduação, Flavio Wiik, por ter incentivado e insistido para eu entrar no mestrado.

À Fundação CAPES – DS, pelo auxílio da bolsa de estudos e ao Instituto Brasil Plural, pelo auxílio na pesquisa de campo.

A todas as pessoas que conheci durante meu trabalho de campo em Laguna, os moradores do bairro Ponta da Barra, os taxistas camaradas e os funcionários do bote da travessia da barra, pelo acolhimento carinhoso. Agradeço imensamente aos pescadores artesanais da cidade, em especial, aqueles que frequentaram a *Tesoura* na temporada da tainha de 2015, pelo aprendizado, paciência e tainhas que recebi diariamente. Estendo meus agradecimentos às respectivas famílias.

À Brisa, minha companhia em campo, agradeço todas as conversas, cafés, chás e risadas, aprendi muito.

A todos os amigos que fiz na UFSC durante esses anos de mestrado. A turma do mestrado de 2014 é, realmente, um luxo! Obrigada universo por ter feito meu caminho cruzar com todos integrantes dessa turma, foi enriquecedor e acolhedor.

Às Capivaras Princesas, Tati, Lari, Lô, Bea, Dio e Marcelo, por dividir todos os sentimentos e rebolados!!

À Lia Mattos e família, pelas aventuras e todo afeto envolvido.

À minha querida amiga Flávia, pela parceria do livro, pelas madrugadas de trabalho, e principalmente, pelo Tito, amado afilhado que ganhei. Ao Gustavo, seu companheiro, estendo meus agradecimentos.

Aos amigos da vida, Fê, Bia, Karla, Pri e Celso, pelo amor desde sempre.

Aos meus pais, Beth e Kenichi, pela vida, pelo carinho incondicional e por nunca deixarem de me apoiar. E meu irmão, Makoto, por sempre acreditar no meu sucesso.

Aos meus queridos companheiros do cotidiano: Julio, Caetano e Giordano, obrigado por embarcarem nessa comigo, por dividirem as tarefas, por compreenderem minhas ausências, pela cumplicidade, amor e paciência nos momentos mais difíceis. E por todas as risadas, que nunca são poucas!

O direito à cidade se manifesta como forma superior dos direitos: direito à liberdade, à individualização na socialização, ao habitat e ao habitar. O direito à obra (à atividade participante) e o direito à apropriação (bem distinto do direito à propriedade) estão implicados no direito à cidade.
(LEFEBVRE, 1991)

RESUMO

A presente dissertação investiga as práticas cotidianas e sociabilidades durante a safra da tainha (maio a julho) na praia da *Tesoura* em Laguna, litoral sul catarinense. Nesse local ocorre a pesca artesanal com auxílio de botos. Os pescadores artesanais posicionam-se de forma organizada dentro da água, esperando um sinal do boto. O mamífero marinho direciona o cardume até encurralá-lo em frente aos pescadores, quando isso acontece o boto salta, tal movimento é interpretado pelo humano como o momento certo de jogar a tarrafa e capturar as tainhas. O cotidiano dessa peculiar pesca articula várias atividades na *Tesoura* e congrega diferentes atores sociais nesse espaço público. Apresento os pescadores artesanais, suas organizações, regras, diferenças, conflitos e a comercialização de peixes realizada no local. Bem como, os frequentadores não pescadores, caracterizados como espectadores do espetáculo que se tornou a pesca artesanal com auxílio dos botos da e na *Tesoura*. Através dos usos e apropriações do espaço público alcanço a construção social desse *lugar praticado* de pesca e sociabilidades.

Palavras- chave: *Tesoura*, espaço público e práticas cotidianas.

ABSTRACT

The present dissertation investigates the practice of everyday life and sociabilities during the fishing season of the mullet fish (May to July) on *Tesoura Beach* in Laguna, located at southern coast of Santa Catarina. In this beach the artisanal fishing with the aid of dolphins takes place. The artisanal fishermen position themselves in an organized way in the water, waiting for a signal of the dolphin. The marine mammal directs the shoal until it is cornered in front of the fishermen, when this happens the dolphin jumps, such movement is interpreted by the human as the right time to throw the jar and capture the mullet fish. The everyday life of this peculiar fishing articulates several activities in the *Tesoura Beach* and congregates different social actors in this public space. I present the artisanal fishermen, their organizations, rules, differences, conflicts and the commercialization of fish carried out on the spot. As well as, the non-fishermen, characterized as spectators of the spectacle that became the artisanal fishing with the dolphin's aid of and in the *Tesoura Beach*. Through the uses and appropriations of the public space I reach the social construction of this *practiced place* of fishing and sociabilities.

Keywords: *Tesoura Beach*, public space and everyday life practice.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Complexo Lagunar, via satélite.	28
Imagem 2 - Imagem do canal formado pelos Molhes da Barra de Laguna.	29
Imagem 3 - O movimento de embarcações pesqueiras no canal e a comercialização de pescados na <i>Tesoura</i>	37
Imagem 4- Imagem de satélite da região dos Molhes da Barra, com destaque para a área de estacionamento, área dos restaurantes e praia do Mar Grosso.	41
Imagem 5 - Estátua em homenagem ao “ <i>boto amigo do pescador</i> ”, localizada na parte superior da <i>Tesoura</i>	44
Imagem 6- Pontos de pesca da cidade de Laguna.	48
Imagem 7 - Vista desde a areia, pescadores alinhados imersos nas águas calmas.	52
Imagem 8 - Vista aérea desde o canal, pescadores alinhados nas águas da <i>Tesoura</i>	52
Imagem 9 – Vista área desde o Mar Grosso, no centro a parte norte dos Molhes da Barra, e acima as águas do canal com pescadores alinhados nas duas porções da <i>Tesoura</i>	55
Imagem 10 - Proteções dos corpos.	59
Imagem 11 - Proteções dos corpos nos dois lados da <i>Tesoura</i>	59
Imagem 12 - Representação da <i>marcação</i>	61
Imagem 13 - A <i>marcação</i> na areia.	63
Imagem 14 - <i>Equipe</i> em ação.	63
Imagem 15 – Bicicletas e carros estacionados.	70
Imagem 16 - Pescadores e <i>sacolinha</i> submersos.	73
Imagem 17 - A atração da chegada de uma tarrafa cheia.	75
Imagem 18 - A negociação durante o <i>desmalhar</i>	76
Imagem 19 - Peixes vivos à venda. Fotografia da autora.	78
Imagem 20 - A negociação de peixes vivos (1).	79
Imagem 21 - A negociação de peixes vivos (2)..	79
Imagem 22 - Peixes não vivos à venda	81
Imagem 23 - Negociação de peixes (1).	81
Imagem 24 - Negociação de peixes (2).	82
Imagem 25 - Agradando o cliente no <i>conserto</i> dos peixes.	83
Imagem 26 - A venda de peixes feita pelos <i>bombeiros</i>	86
Imagem 27 - Peixes vivos recém <i>desmalhados</i>	87
Imagem 28 - Peixes não vivos à venda (1).	87
Imagem 29 - Peixes não vivos à venda (2).	88
Imagem 30 - Negociações de peixe.	88

Imagem 31 - A aglomeração em torno de uma tarrafa cheia.	89
Imagem 32 - Platéia e peixes..	91
Imagem 33 - O início do espetáculo num domingo.	91
Imagem 34 - Etapas do espetáculo (1).	92
Imagem 35 - Etapas do espetáculo (2).	92
Imagem 36 - Platéia e o carrinho de bebidas alcoólicas.	97
Imagem 37 - Palco e platéia num domingo.....	97
Imagem 38 - Confeccionando <i>artes de pesca</i> (1).....	102
Imagem 39 - Confeccionando <i>artes de pesca</i> (2).....	102
Imagem 40 - Hora do almoço..	103
Imagem 41 - Churrasqueira improvisada.....	104
Imagem 42 - Excursão escolar.	105
Imagem 43 - Passeio de casais.	107
Imagem 44 - Casal e outros espectadores assistindo a pesca desde a área gramada no canto esquerdo da <i>Tesoura</i> . ..	107
Imagem 45 - O teatro de arena.....	109

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	19
CAPÍTULO 1 – A FORMAÇÃO DA <i>TESOURA</i>.....	27
1.1 - A CONSTRUÇÃO DOS MOLHES.	27
1.2 - A <i>TESOURA</i> E A MOVIMENTAÇÃO PESQUEIRA DA CIDADE.....	33
1.3 - A <i>TESOURA</i> E O ENTORNO TURÍSTICO.....	37
1.3.i - Expansão urbana e turismo	38
1.3.i.i - Atrações turísticas atuais do entorno	40
1.4 - A <i>TESOURA</i> E OS OUTROS PONTOS DE PESCA.	44
CAPÍTULO 2 – A PESCA ARTESANAL. INTERAÇÕES, CONFLITOS E NEGOCIAÇÕES.....	51
2.1 - MEU RETRATO DA <i>TESOURA</i>	51
2.2 - PESCADORES ARTESANAIS DA <i>TESOURA</i>	55
2.2.i - Paredão de corpos	57
2.2.i.i - Organização e conflitos.	60
2.2.i.i.i - Diferenças e sociabilidade.	67
2.2.i.v - Comercialização do pescado.....	73
2.3 - OS ESPECTADORES DA <i>TESOURA</i>	89
CAPÍTULO 3 – A <i>TESOURA</i> COMO ESPAÇO PÚBLICO.....	99
3.1 - ESPAÇO PÚBLICO.....	99
3.2 - OS USOS DA <i>TESOURA</i>	101
3.3 - APROPRIAÇÕES.....	108
3.3.i - Público e privado	111
3.4 - <i>TESOURA</i> : LUGAR ANTROPOLÓGICO	115
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	119
REFERÊNCIAS.....	121

INTRODUÇÃO

A presente dissertação é resultado do meu envolvimento, iniciado em 2014, junto à pesca artesanal com auxílio dos botos em Laguna, litoral sul de Santa Catarina. No mês de maio daquele ano (época de safra da tainha), fui pela primeira vez à praia da *Tesoura*. Chegando lá fiquei alguns minutos olhando aqueles homens alinhados horizontalmente dentro da água e segurando tarrafas enroladas. Passados esses minutos levei um susto quando avistei dois golfinhos saltarem bem próximo aos pescadores, em poucos segundos três pescadores lançaram suas tarrafas em direção aos saltos daqueles cetáceos. Quando as três tarrafas tocaram na água mais dois pescadores lançaram as suas também. Fiquei impressionada, e durante as horas que estive ali, esses movimentos sincronizados entre pescadores e golfinhos se repetiram algumas vezes e alguns pescadores saíram da água com tarrafas repletas de peixes se debatendo.

Quando esses pescadores repousaram suas tarrafas na areia, a maioria das pessoas que estavam assistindo aquela curiosa pesca se aglomerou em volta fotografando, filmando e perguntando aos pescadores os valores dos peixes. Isso me impressionou ainda mais. Todas as vezes que chegavam à areia tarrafas com peixes a aglomeração se formava. Fui gradativamente percebendo as cenas: da pesca, da atração causada e da venda dos peixes recém-capturados. Era um dia de semana e fiquei naquele local entre as 13 e 16 horas, contei vinte cinco pescadores, exclusivamente homens, e aproximadamente o mesmo número de pessoas assistindo e algumas comprando peixes. Dentre elas, aparentemente, famílias e homens sozinhos.

O convite para conhecer o local veio de um funcionário da Fundação Lagunense de Cultura, sua intenção era mostrar a pesca e depois conversar sobre o projeto idealizado por ele¹, ao qual abrangia pesquisa antropológica com os pescadores artesanais. Passado meu deslumbre com as cenas que vi naquele local, pedi a ele algumas informações, primeiramente explicou que na cidade os golfinhos são chamados de botos, mas são diferentes daqueles botos rosa amazônicos, pois os botos de Laguna são os golfinhos de nome popular *nariz de garrafa* e cientificamente da espécie *Tursiops truncatus*. A partir dessa informação passei a chamá-los de botos.

¹ Mais adiante explicarei melhor esse projeto.

Depois fui apresentada a um pescador artesanal que estava no local, ele afirmou existirem mais de cinquenta botos residentes das águas de Laguna, mas nem todos auxiliam na pesca, os que assim o fazem são denominados como *botos bons* e os outros são os *botos ruins*. O auxílio durante a pesca é realizado quando o *boto bom* segue e direciona o cardume, encurralando-o em frente ao pescador. Quando isso acontece o boto salta, tal movimento é interpretado pelos pescadores como a indicação do local e momento exato para lançar a tarrafa. A tarrafada certa atinge e captura parte do cardume. Segundo os pescadores que conversei durante toda minha pesquisa de campo, os botos preferem comer os peixes da espécie tainha, alimentando-se dos que dispersam do cardume na hora que a tarrafa cai na água e não são capturados por ela. O movimento que o pescador faz ao virar seu corpo e lançar a tarrafa é chamado de *balanço*. Para que a tarrafada seja certa e repleta de peixes, de acordo com os pescadores, é necessária uma sincronização entre o salto do boto e o *balanço*.

Quem vai à *Tesoura*, principalmente durante a safra da tainha, que compreende os meses de maio a julho, consegue ver cenas protagonizadas pelos saltos de botos, *balanços* dos pescadores, tarrafas e peixes. E ainda comprar a captura da pesca artesanal com auxílio dos botos na mesma hora que saem da água ainda viva. De fato, muitas pessoas não pescadoras procuram o local para esses fins.

Após conhecer a cidade de Laguna, a *Tesoura* e a pesca artesanal que lá ocorre, aceitei integrar o projeto ao qual fui convidada e realizar junto com minha orientadora Alicia N. G. de Castells pesquisa antropológica sobre os pescadores artesanais com auxílios dos botos em Laguna. Tal projeto motivou meu interesse por desenvolver minha pesquisa de mestrado também na temática da pesca artesanal, da qual resulta a presente dissertação.

A pesca artesanal com auxílio dos botos que ocorre em Laguna pode ser analisada sob vários recortes antropológicos. No projeto que fui convidada, por exemplo, o foco foram análises em torno do patrimônio cultural, do *saber fazer* desse pescador. Entre outras, também seriam frutíferas análises que focassem os limites do binarismo *natureza e cultura*, pensando a relação dos pescadores e botos, ou na humanização desses animais. A percepção do ambiente feita pelos pescadores poderia compor outro foco de investigação. Há muitas abordagens possíveis. Contudo, meu recorte extrapolou o foco na pesca e está vinculado, também, a um dos espaços em que ela ocorre na cidade de Laguna.

Acredito que a decisão de fazer uma pesquisa, de iniciar uma investigação, de selecionar um objeto e recorte, envolve questões

subjetivas ligadas às trajetórias individuais e aos campos de possibilidades dos pesquisadores, que estão inseridos em universos simbólicos. Pois, “os projetos individuais sempre interagem com outros dentro de um campo de possibilidades. Não operam num vácuo, mas sim a partir de premissas e paradigmas culturais compartilhados por universos específicos” (VELHO, 2003:46)

Dessa forma, para compreender as razões que me levaram à escolha do recorte de pesquisa é necessário conhecer um pouco da minha trajetória acadêmica. Durante minha graduação em Ciências Sociais, na Universidade Estadual de Londrina, realizei duas iniciações científicas e integrei o núcleo de pesquisa do IPAC- Lda (Inventário e Proteção ao Acervo Cultural de Londrina/PR), meus estudos foram no campo do patrimônio cultural e sob o olhar da sociologia foquei na relação dos indivíduos com dois monumentos patrimoniais da cidade. Na primeira estudei a relação da cidade com o Memorial do Pioneiro, localizado em uma praça central, e na segunda com um cine teatro tombado recém incendiado. Essa segunda pesquisa originou meu trabalho de conclusão de curso, no qual o foi a memória afetiva dos usuários do Cine Teatro Ouro Verde, dialogando com autores da antropologia urbana e da história.

Concomitante a essas pesquisas, no núcleo ao qual fiz parte, integrei um projeto de etnografia da primeira rua comercial de Londrina, originando um livro. Essa experiência me aproximou ainda mais da antropologia urbana. A relação dos cidadãos com os espaços públicos sempre esteve, de alguma forma, presente nas pesquisas que realizei até aqui. Essa foi, inclusive, a principal motivação para meu ingresso no Programa de Pós Graduação em Antropologia Social.

Assim sendo, quando conheci a *Tesoura* meu encantamento e minhas reflexões foram na direção da relação dos atores sociais com aquele espaço. A presença de vários atores sociais naquele local, em torno dessa peculiar pesca, despertou meu interesse em aprofundar minhas análises não somente na pesca artesanal, mas nas outras práticas e sociabilidades que dela emergem e redesenham o local. Não quero apenas conhecer e apresentar a *Tesoura*, mas, também, entender como os atores sociais a constroem cotidianamente através dos usos, apropriações e sociabilidades durante a safra da tainha.

Para atingir meus objetivos separei a dissertação em três capítulos. No primeiro capítulo, intitulado “O Nascimento da *Tesoura*”, faço uma contextualização histórica a fim de apresentar qual relação do desenvolvimento da cidade e de sua atividade pesqueira com o surgimento daquela praia. Demonstro como esse local de pesca

artesanal emergiu sendo o principal da cidade e a conexão com o entorno e turismo. Comparo-a com outros pontos de pesca artesanal com auxílio dos botos em Laguna e cunho hipóteses para o sucesso da *Tesoura*.

No segundo capítulo, “Pesca Artesanal. Interações, conflitos e negociações”, o foco está nas práticas realizadas no local. Apresento os pescadores artesanais, suas organizações, regras, diferenças e conflitos, bem como a comercialização de peixes realizada no local. Caracterizo a pesca com auxílio dos botos como espetáculo através da *performance* dos pescadores e da demanda de espectadores. A intenção é demonstrar como as sociabilidades permeiam as práticas cotidianas realizadas pelos diversos atores sociais da e na *Tesoura*.

O terceiro capítulo, “*Tesoura* Espaço Público”, é destinado às discussões teóricas a acerca de conceitos importantes à Antropologia Urbana, como *espaço público* e *lugar antropológico*. Tais conceitos subsidiam análises em torno dos múltiplos usos e apropriações do e no local, originando reflexões sobre a construção do caráter público e também privado daquele espaço.

A seguir apontarei algumas questões relacionadas à metodologia.

Meu interesse pelo tema da presente dissertação nasceu durante o primeiro semestre do mestrado, em 2014.1, quando recebi o convite de minha orientadora, para participar, enquanto membro do núcleo de estudos NAUI – Dinâmicas Urbanas e Patrimônio, de uma pesquisa coordenada pela professora para o desenvolvimento do “Projeto Educar, Documentar e valorizar para preservar a pesca artesanal com o auxílio dos botos em Laguna”. Projeto idealizado pelos arquitetos Wellington Linhares Martins e Fabrício Rocha, elaborado junto à Fundação Lagunense de Cultura e financiado pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional de Santa Catarina (IPHAN/SC)². Os objetivos desse projeto tinham como alvo prioritário a divulgação e registro da pesca artesanal com auxílio dos botos, prática pensada como um bem de patrimônio cultural. No intuito da educação patrimonial ocorreram oficinas de audiovisual e fotografia sobre o tema, na qual envolveram adolescentes carentes da cidade. A elaboração de um documentário e um livro contendo fotos e pesquisa sobre os pescadores, para ampla divulgação nas escolas, foram produtos do projeto³.

² Projeto já citado na página 10 da presente dissertação.

³ A realização do vídeo foi feita pela Empresa Pangéia Documentários e o livro “Educar, Documentar e valorizar para preservar a pesca artesanal com o auxílio dos botos em Laguna”, resultado da pesquisa realizada pelo coletivo do

A pesquisa permitiu o contato com a prática da pesca artesanal na praia da *Tesoura* e, conseqüentemente, o despertar do meu interesse pelo aprofundamento das análises do e nesse local. Integrar o projeto coletivo desenvolvido pelo NAUI possibilitou, paralelamente, desenhar um novo recorte espacial e temporal ancorado teoricamente no marco da Antropologia Urbana. Uma Antropologia que envolva o urbano deve ser uma Antropologia das socialidades, das dissoluções, das simultaneidades, dos vínculos, das negociações e dos espaços de dispersões intermitentes de identidades. Analiso a localidade da minha pesquisa no contexto urbano da cidade de Laguna. O urbano não é sinônimo de cidade, é muito mais, é uma forma de vida, é fortuito e flutuante (DELGADO, 1999).

A interdisciplinaridade, a amplitude e a heterogeneidade também são características da Antropologia Urbana. É possível e necessário traçar diálogos com outros campos do conhecimento (VELHO, 2011). No caso da presente dissertação a historicidade e os estudos sobre pesca foram aproximações frutíferas.

Para pensar a *Tesoura*, alvo da minha pesquisa, tratei-a como orienta Gilberto Velho (2003, 2009, 2011), pois “as diferentes áreas da cidade precisam ser compreendidas por suas identidades, não de modo estático, mas através dos trânsitos e das diferentes representações que geram comunicação e também impasses” (VELHO, 2011:176). Dessa forma, a dinâmica e o movimento descontínuo dos atores sociais na *Tesoura* foram privilegiados pelo meu olhar e meu ouvir durante trabalho de campo (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1996).

Assim, para analisar a relação dos atores sociais com a *Tesoura*, como orienta José Guilherme Cantor Magnani (1996), destaquei da realidade observada algumas regularidades e aprofundi a investigação.

A primeira tarefa que se coloca para uma pesquisa antropológica cujo objeto é constituído por práticas que se desenvolvem em espaços de múltiplos usos, como é o caso do lazer no centro da cidade, é delimitar as unidades significativas para observação e análise: como não são dadas de antemão, é necessário destacá-las do fundo impreciso da realidade tal como é vista pelo senso comum. (MAGNANI, 1996:38)

Esses pressupostos compõem uma observação “pluricontextual”, ultrapassando o realismo etnográfico vislumbrado em

tempos coloniais, pois em contextos urbanos, “torna-se necessário opor-se aqui ao postulado clássico da pesquisa científica através da qual um mundo ‘objetivo’ se mostra, independente da descrição (como se uma tal ordem de coisas existisse)” (ECKERT & ROCHA, 1998:259).

Durante o trabalho de campo, principalmente nos finais de semana, quando aumenta a presença de outros indivíduos, além dos pescadores (que já me conheciam), minha observação participante não interferia na realidade observada, mantinha certo anonimato. “O etnógrafo de espaços públicos participa das duas formas mais radicais da observação participante. O etnógrafo urbano é totalmente participante e, ao tempo, totalmente observador” (DELGADO, 1999:48) Esses aspectos foram acentuados, pois como apontarei mais adiante, a maioria dos frequentadores não pescadores na *Tesoura* estão ali justamente para observar a prática da pesca artesanal com auxílio dos botos, eu era, portanto, mais uma observadora no local. Porém, além da pesca meus olhares e ouvidos estavam direcionados às sociabilidades e às práticas do cotidiano (CERTEAU, 1994, 2009).

Importante frisar a questão da sazonalidade na minha pesquisa, meu recorte metodológico de investigação compreende a safra da tainha de 2015. O recorte da dissertação é espacial e temporal. A temporada da pesca artesanal da tainha começa no final de abril e vai até julho. Minha imersão na *Tesoura* foi, portanto, realizada nos meses de maio a julho de 2015. Foram três meses morando na cidade, no bairro Ponta da Barra bem próximo à *Tesoura*. Nesse período fui diariamente ao local realizar observações em diversos horários, com exceção da noite, pois o local não tem iluminação pública nem atividade de pesca noturna.

Para subsidiar a pesquisa que integrou o livro, resultado do projeto que fiz parte, foram realizadas antes de iniciar a safra da tainha 17 entrevistas estruturadas. Para a presente dissertação analisei cinco dessas entrevistas feitas com pescadores da *Tesoura*. Durante o tempo que residi em Laguna, entrevistei de forma estruturada mais dois pescadores. Fora da *Tesoura* entrevistei uma lagunense, funcionária da prefeitura. E durante minha observação participante na *Tesoura*, conversei diariamente com dez pescadores. Dos frequentadores não pescadores, pude entrevistar duas mulheres, conversar com seis casais, com três esposas dos pescadores artesanais da *Tesoura*, dois atravessadores de pescados e quatro famílias compostas de casal, crianças e avós. Para preservar o anonimato dos informantes os nomes, quando citados, foram substituídos.

Considero de extrema relevância as duas fontes textuais, entrevistas estruturadas e conversas em campo, pois

se na observação participante, o pesquisador deve deixar seus “nativos” falarem, no uso de fontes textuais ele deve lidar com o que já foi dito. Nada disso invalida o recurso das entrevistas; afinal, há situações em que é fundamental fazer certas personagens falarem, assim como é imprescindível fazer emergir vozes que, de outro modo, permaneceriam submersas. (GIUMBELLI, 2002: 102)

A partir do pressuposto acima deixei meus “nativos” falarem e permaneci atenta aos diálogos estabelecidos entre eles. Em algumas conversas eu já havia previamente pensado no assunto que abordaria, em acordo com meus interesses de pesquisa.

O grupo de pescadores da *Tesoura* é composto apenas por homens. Na maioria dos dias eu era a única mulher no local. Durante os finais de semana a presença feminina é bem perceptível, a maioria com família ou compondo um casal, não foi recorrente ver mulheres sozinhas naquele local. No início da minha estadia, todos me questionaram se eu estava sozinha⁴, se era solteira e perceptivelmente estranhavam o fato de ser uma mulher jovem pesquisando num local com presença predominantemente masculina. É importante pontuar que a pesquisa de campo da presente dissertação foi realizada por uma mulher jovem e na maioria das vezes sozinha em campo⁵.

Algumas fotografias que compõem a presente dissertação são de minha autoria, outras fazem parte do acervo do NAUI, pois foram fotografadas por integrantes do núcleo à pesquisa que subsidiou o livro (produto do projeto já citado ao qual fiz parte). Para o livro foram cedidas fotografias do acervo do fotógrafo profissional Ronaldo Amboni, selecionei algumas para apresentar aqui. As autorias serão explicitadas nas legendas.

⁴ Durante a safra da tainha de 2015 conheci e fui vizinha de doutoranda em antropologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Ela também estava em período de pesquisa, mas com outro foco e recorte. Fomos algumas vezes juntas à *Tesoura*, porém delimitamos os espaços e momentos para cada uma poder realizar a solidão etnográfica.

⁵ Essa experiência poderia gerar outros focos de análises, voltados para os estudos sobre gênero e sexualidade, mas não é o caso da presente pesquisa. Seria necessária outra dissertação.

O conjunto de imagens que apresento não tem o objetivo de meramente ilustrar, mas de integrar o texto antropológico e suscitar mais reflexões. Portanto, para que gerem análises e tragam à tona os significados e sentidos das práticas cotidianas e sociabilidades as quais almejo demonstrar, as imagens escolhidas foram trabalhadas como ferramentas de documentação para a pesquisa. A ideia é que as imagens possam “ajudar na compreensão das interpretações, e não apenas distrair a atenção do leitor entre o folhear das páginas” (GODOLPHIM, 1995: 169).

A estrutura textual foi definida da seguinte forma: os trechos de diário de campo aparecerão em fonte igual ao corpo do trabalho, mas com recuo; as citações de autores estão em acordo à Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT); as categorias nativas e conceitos que almejo destacar aparecerão em fonte itálica, assim como os trechos de falas, entrevistas e conversas.

CAPÍTULO 1 – A FORMAÇÃO DA *TESOURA*

A *Tesoura* é uma pequena porção de praia, com aproximados cento e cinquenta metros de extensão, localizada no Molhes⁶ da Barra⁷ de Laguna, litoral sul catarinense. No decorrer da safra da tainha, conforme apontado na Introdução, ocorrem diversas atividades relacionadas à pesca artesanal com auxílio dos botos na *Tesoura*, como a comercialização de peixes, a limpeza e o preparo desses pescados na areia. Há também turistas, famílias, casais e crianças em busca de lazer, dividindo o espaço com os pescadores artesanais. A coexistência de diferentes práticas e atores sociais indica que, no período de maio a julho, a função desse local para a cidade de Laguna vai além da atividade pesqueira. Justamente por essa hipótese, considero importante investigar as relações que se estabelecem no e com o local durante a safra da tainha. Para isso, é necessária uma contextualização histórica do local e entorno.

1.1 - A CONSTRUÇÃO DOS MOLHES.

Fundada há quase 340 anos, Laguna é uma cidade com pouco mais de 50 mil habitantes, as principais atividades econômicas são a pesca, o comércio e o turismo. Localizada a 120 quilômetros de Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina, possui uma extensão de 28.706 metros e formato peninsular. Laguna é banhada pelo oceano Atlântico de um lado (oeste) e do outro (leste) pelo Complexo Lagunar, composto por um conjunto de lagoas que abrange área de 300 quilômetros quadrados, nele estão as lagoas costeiras de Imaruí, Mirim e Santo Antônio dos Anjos, inclui também a desembocadura do Rio Tubarão, as Barras de Laguna, do Camacho e um canal de aproximadamente 200 metros de latitude, ligando o Complexo ao mar.

⁶ Segundo o dicionário online de português, molhe é “Paredão que se constrói nos portos de mar em forma de cais, para protegê-los da violência das águas; quebra-mar.” Disponível em: <http://www.dicio.com.br/molhe/> <último acesso em 28 de outubro de 2016>. Em Laguna foram construídos dois molhes (norte e sul) com muitas pedras, por isso a referência sempre no plural.

⁷ Barra é o nome dado a uma certa formação geográfica. Segundo dicionário online de português: “Banco de areia que se forma na entrada dos estuários ao contato das águas doces do rio com as águas salgadas do mar.” Disponível em: <https://www.dicio.com.br/barra/> <último acesso em 28 de outubro de 2016>.

A *Tesoura* está localizada nesse canal. Nas duas imagens seguintes localizo a cidade de Laguna e os Molhes da Barra inseridos no Complexo Lagunar (Imagem 1), e a *Tesoura* no início da parte norte dos molhes (Imagem 2).

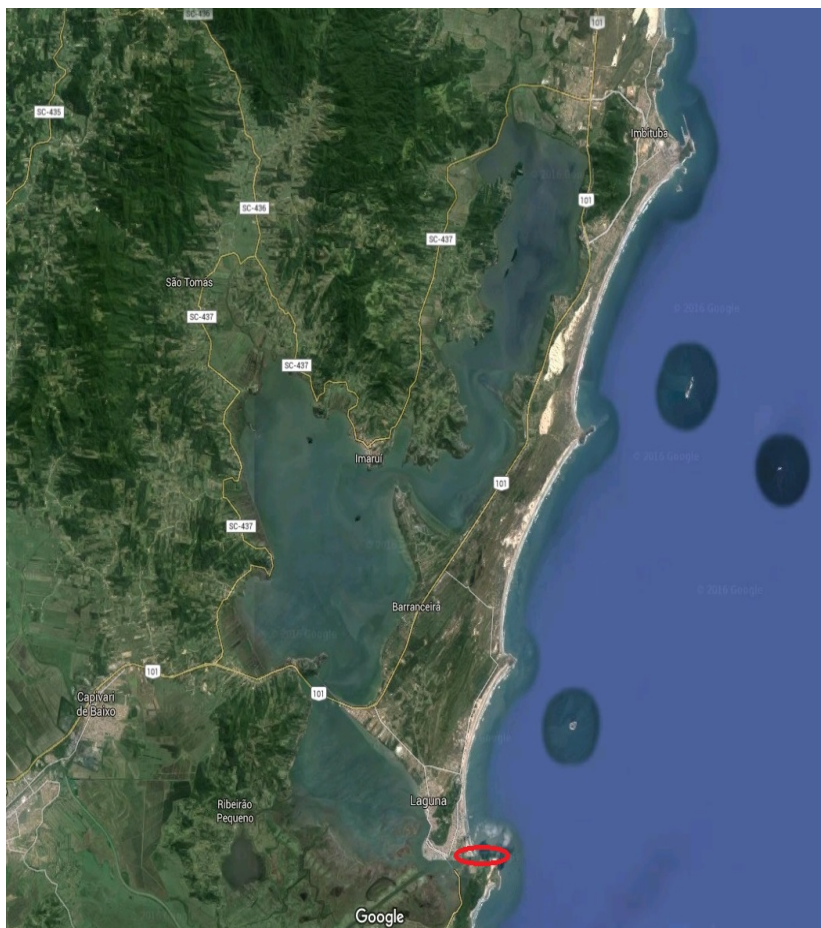


Imagem 1 - Complexo Lagunar, via satélite extraída da internet. Disponível em <<https://www.google.com.br/maps/@-28.3605985,-48.7219751,34592m/data=!3m1!1e3>>. Acesso em 10.12.2016.



Imagem 2 - Imagem do canal formado pelos Molhes da Barra de Laguna via satélite extraída da internet. Disponível em <<https://www.google.com.br/maps/@-28.4959161,-48.7530825,1048m/data=!3m1!1e3>>. Acesso em 10.12.2016.

Na primeira imagem destaquei, em vermelho, a localização dos Molhes da Barra, e na segunda destaquei a *Tesoura*. Como se pode observar na primeira imagem há uma abundância das águas contornando grande parte da cidade, gerando um fluxo contínuo de águas que vão e vem do mar para o Complexo, e vice versa. A parte norte dos molhes tem o formato parecido com espinha de peixe, criando pequenas bacias as quais possibilitam locais para pescar com anzol e tarrafas. A parte sul inicia mais adiante do canal e adentra o mar.

A abundância de águas foi importante na história e desenvolvimento da cidade. Sabe-se que onde há água, há também maiores chances de povoamento e sobrevivência. Laguna é referida por alguns historiadores como uma das regiões de maiores povoamentos durante o período neolítico, sua história é contada enfatizando a presença dos sambaquis⁸. No principal museu da cidade, o Museu Anita Garibaldi, estão expostas algumas peças encontradas nos sambaquis, como ferramentas e utensílios usados nos processos culinários. Paleontólogos e arqueólogos acreditam que a alimentação da população sambaqueira da região era baseada em pescados, raízes e vegetais (CADORIN, 2013). A população de sambaqueiros foi sucedida pelos indígenas Jê, grupo que predominou na região dos séculos II a VII,

⁸ Sambaqui é uma palavra de origem guarani e designa em português, depósitos antigos e fossilizados de restos de conchas, restos de cozinhas e de esqueletos. Vestígios de tribos pré-históricas que habitaram no litoral Americano.

quando chegaram os Tupis-Guaranis, chamados pelos europeus de Carijós (SANTOS, 2004).

É possível perceber, através dos vestígios sambaquieiros que a pesca está presente na região de Laguna antes da chegada dos europeus. Com a vinda desses à América a região é encarada como importante porto para abastecimento de água potável e troca de mantimentos com os índios. Estudos apontam dizimação e conflitos durante esse período, bem como o protagonismo do Complexo Lagunar:

Depois veio o homem branco, primeiro os marinheiros espanhóis e portugueses a partir das Grandes Navegações. Paravam na futura Laguna para abastecer seus barcos com comida e água, abundantes nesse Complexo Lagunar. Já nessa época, naufragos e aventureiros passaram a fixar moradia junto aos índios Carijós da região. Com o passar do tempo, lá pelo século XVII, foram chegando os bandeirantes vicentinos e posteriormente, os açorianos, ambos contribuindo para a miscigenação da região, dizimando os Carijós. (OLIVEIRA, 2011:284)

A localização da futura cidade entre águas foi fundamental para a expansão da Coroa na região. O povoamento, como grande parte do litoral que hoje se enquadra no estado de Santa Catarina, foi iniciado efetivamente na segunda metade do século XVII, sendo encabeçado por paulistas. No caso de Laguna, coube ao bandeirante Domingos Brito Peixoto em 1676 instalar-se na região, ao qual batizou de Santo Antônio dos Anjos. Em 1682 com o objetivo expansionista Dom Francisco de Távora, então governador do Rio de Janeiro, cumprindo decisão da coroa, eleva a lugarejo de Santo Antônio dos Anjos da Laguna à condição de Vila, o equivalente à Município. (CADORIN, 2013)

Na metade do século XVIII, Portugal por decisão do Conselho Ultramarino, promove o início da imigração dos açorianos⁹ da Ilha da Madeira, para o litoral de Santa Catarina. Tal determinação portuguesa parece ter sido impulsionada pelas estratégicas solicitações do coronel José da Silva Paes, pois o litoral catarinense, sob seu comando,

⁹ O arquipélago dos Açores é composto de nove ilhas, totalizando 2.400 quilômetros quadrados e foram descobertas pelos portugueses em 1432. (SANTOS, 2004: 51)

necessitava de povoamento mais efetivo a fim de consolidar o domínio lusitano e findar as ameaças espanholas que vinham tanto por mar, como por terra. A chegada dos açorianos representou um fluxo humano muito significativo para o crescimento demográfico catarinense (CADORIN, 2013).

Inserida nesse contexto de fluxo de pessoas e, conseqüentemente, de mercadorias, tanto por mar, quanto por terra, a atividade portuária foi crescendo. A história da cidade e da região não pode ser afastada desse desenvolvimento:

O surgimento dos portos em Santa Catarina tem a ver com a demarcação, a ocupação e o povoamento do território catarinense. A instalação dos trapiches para ancorar as embarcações era condição necessária para a manutenção dos principais núcleos populacionais que foram surgindo ao longo do litoral de Santa Catarina. Durante todo o século XV e a primeira metade do século seguinte, há vários registros de embarcações que atracaram na costa catarinense, umas seguiam adiante e outras desembarcavam expedições que seguiam para o interior. Mas, efetivamente, foi com a fundação das vilas de São Francisco do Sul, em 1658, Desterro (Florianópolis), em 1679, e Laguna, em 1682, que se iniciou um fluxo regular de embarcações, consolidando a importância dos três portos para demarcar o território no lado meridional da Colônia. Laguna foi, durante todo o século XVIII, o ponto de convergência para as expedições que seguiam para o extremo sul da Colônia. Depois de Laguna, havia apenas Porto Alegre. A Estrada Real, aberta em 1738, que servia para o transporte de gados e muares da Colônia do Sacramento para a região das minas gerais, passava por Laguna e seguia para o planalto da capitania de Santa Catarina. Laguna consolidava-se como um centro comercial e difusor das conquistas da parte meridional da Colônia (CEAG/SC, 1980). O porto e a vila surgiram e se desenvolveram desta simbiose propagadora do comércio e das conquistas. A vila foi fundada às margens da Lagoa de Santo Antônio, na foz do Rio Tubarão, próximo ao mar. Rio, lagoa e mar criavam as

condições físicas ideais para o desenvolvimento de um porto (GOULARTI FILHO, 2007:84)

Por conta do seu caráter geográfico estratégico e pelo fato de já possuir atividade portuária (ELÍBIO, 2005), Laguna foi cenário de alguns acontecimentos importantes na história do Sul do Brasil, como o levante farroupilha culminando na República Juliana¹⁰, contexto no qual surge a figura ilustre de Laguna, Anita Garibaldi¹¹.

Findada a experiência da independência e junto com ela a saída das tropas farroupilhas, alguns moradores que haviam deixado a cidade regressaram e o processo de reorganização e reconstrução foi iniciado (COSTA, 2006). Laguna foi se reorganizando e a exploração de carvão no litoral catarinense aumentando. Em 1860 a Coroa Portuguesa encomendou um estudo sobre as minas carvoeiras catarinenses.

Os estudos realizados comprovavam a boa qualidade do carvão, porém apontavam dificuldades para o transporte até o porto de embarque. O secular porto de Laguna era, talvez, a única alternativa mais próxima, porém o problema na entrada da barra inviabilizava a passagem de navios de grande calado que, inicialmente, deveriam trazer os pesados materiais para a construção da ferrovia e, em seguida, exportar o carvão. (GOULARTI FILHO, 2007:91)

¹⁰ A República Juliana foi proclamada em 29 de julho de 1839, mas em 15 de novembro, tropas oficiais invadiram por mar e terra, findando a experiência da independência lagunense (SANTOS, 2004; ELÍBIO, 2005). Sobre a importância da independência de Laguna na história do Brasil, o historiador Gustavo Marangoni Costa (2006) sintetiza: “Ocorrida durante o período regencial, a República Juliana se situa ao lado das diversas revoltas provinciais que abalaram o Império Brasileiro e representa um episódio muito relevante, pois apresenta vários aspectos peculiares da vida e política da época, e como interesses eram mais importantes do que bandeiras políticas fossem elas farroupilhas ou imperiais.” (COSTA, 2006:158)

¹¹ Heroína nascida sob o nome de Ana Maria de Jesus Ribeiro ficou conhecida como Anita Garibaldi, nasceu e viveu em Laguna até casar-se com o líder italiano Giuseppe Garibaldi (herói da Revolução Farroupilha). Juntos encabeçaram a tomada de Laguna e a proclamação da República Juliana. (CADORIN, 2003).

A solução encontrada foi a construção dos molhes, aumentando assim a profundidade na entrada da barra e permitindo a passagem de embarcações maiores. (GOULARTI FILHO, 2007). A empreitada iniciou pela parte norte dos molhes em 1905, e seguiu até o final da década de 1930 com a finalização da parte sul (ELÍBIO, 2005). A construção dos Molhes da Barra de Laguna deu origem ao canal de entrada e saída para o Complexo Lagunar, perdurado até os dias atuais, onde se localiza a *Tesoura*.

O local geográfico da minha pesquisa, apelidada depois pelos próprios pescadores de *Tesoura*, forma-se entre águas pela necessidade de viabilizar melhores condições de navegabilidade às embarcações. Contudo, sua construção beneficiou também trabalhadores envolvidos nas atividades portuárias e pesqueiras. Sendo assim, desde seu início a *Tesoura* possui uma estreita relação com a pesca.

1.2 - A *TESOURA* E A MOVIMENTAÇÃO PESQUEIRA DA CIDADE

A pesca constitui uma das primeiras atividades extrativistas feitas pelo homem, não seria diferente em um território onde a natureza foi generosa permitindo águas em abundância.

A presença da pesca artesanal na região de Laguna foi apontada também nos estudos sobre a chegada dos açorianos, reverberando em novos hábitos alimentares:

O que me impressiona nessa “saga açoriana”, é capacidade de adaptação que esse povo teve com a nova terra. A alimentação básica deles no arquipélago dos Açores era o trigo, portanto, o pão. Porém, o solo arenoso e o clima da nossa região lagunar, não favoreceram o plantio desse cereal, levando-os a mudar radicalmente sua base alimentar da farinha de trigo para a farinha de mandioca, do pão para o pirão de peixe. (OLIVEIRA, 2011:289)

Nesse sentido o contato dos açorianos recém-chegados com os primeiros povoadores, que teriam apreendido técnicas de pesca artesanal com os Carijós, beneficiou a sobrevivência dos imigrantes e deu bases culturais para a formação dos primeiros núcleos pesqueiros de Laguna. Progressivamente a pesca artesanal foi sendo assimilada pelos açorianos (LACERDA, 2003:133).

Ao final da década de 1950 o Porto de Laguna inicia um declínio acentuado na movimentação do carvão, sua principal mercadoria. Aos poucos vai perdendo a função para o Porto de Imbituba (cidade vizinha). Conseqüentemente a economia da cidade é afetada, pois na época a movimentação portuária do carvão consistia na força motriz de Laguna e região. Foi necessário reorganizar as atividades portuárias. No final da década de 1960 o porto passa a operar atividades pesqueiras. Coincidindo com a expansão do mercado pesqueiro nacional (FURTADO, 1993:435). Nos anos que seguiram foram feitas adaptações de viabilidades técnicas e tecnológicas, e no início do ano de 1980 foi inaugurado o Porto Pesqueiro de Laguna (ELÍBIO, 2005).

Na verdade, este decreto apenas oficializou a transformação do porto de Laguna num porto pesqueiro estatal, pois o desembarque da pesca da região já vinha sendo feito no porto, faltavam as infra-estruturas necessárias e o sistema de vigilância. A criação do porto pesqueiro estava dentro dos planos da SUDEPE (Superintendência para o Desenvolvimento da Pesca), nos anos de 1970, que almejava ampliar a produção de pescados no Brasil, por meio de incentivos, financiamento e infra-estrutura. (GOULARTI FILHO, 2007:107)

A citação acima deixa claro que atividades portuárias relacionadas à pesca já existiam na cidade, e como apontando no início desse capítulo, há indícios de que desde a população sambaqueira a pesca artesanal¹² está presente em Laguna.

Na cidade não há a instalação de grandes indústrias, uma das principais atividades econômicas é a pesca¹³, tanto artesanal como a de grande escala, seguida do comércio e turismo. Portanto, a construção dos molhes não só resolveu problemas de navegabilidade, mas também

¹² Utilizo o termo pesca artesanal em oposição à pesca industrial: “Diferentemente da pesca artesanal, a produção pesqueira industrial se caracteriza pela dissociação entre o pescador e o pescado, sua atividade visa tão somente a produção de mercadorias” (MALDONADO, 1986:17)

¹³ Informação extraída do site oficial da prefeitura de Laguna, disponível em <<http://www.laguna.sc.gov.br/pesca.php>>. Acesso em 15 de outubro de 2016.

favoreceu a continuidade das atividades pesqueiras da cidade, dentre elas a produção de crustáceos:

O Complexo Lagunar, por conta das Barras de Laguna e do Camacho, configura um ambiente propício para a pesca de crustáceo. Inicialmente destacou-se pela produção de siri e do camarão Laguna, reconhecido como um dos melhores crustáceos do Brasil. O período da pesca desse famoso camarão é entre dezembro a junho, é uma prática noturna e com instrumentos confeccionados artesanalmente. (CASTELLS; ARAUJO IINO, 2016:24)

Atualmente as atividades pesqueiras são desenvolvidas tanto nas lagoas que compõem o Complexo Lagunar, quanto na faixa de mar. Tanto pesca embarcada, quanto pescaria fora de embarcações com imersão ou não do pescador na água. É possível ver em várias locais da cidade pessoas pescando, desde o perímetro central até as periferias, utilizam diversos tipos de instrumentos tradicionais, como a tarrafa, o anzol, o puçá¹⁴, o aviãozinho¹⁵ e a rede feiticeira¹⁶. Também é possível avistar em vários pontos do Complexo Lagunar diversos tipos de embarcações, como canoas¹⁷, bateras¹⁸, botes¹⁹, traineiras²⁰ e lanchas luxuosas.

¹⁴ Instrumento mais usado na pesca de crustáceos no formato de uma cestinha com haste longa.

¹⁵ Armadilha fixa para captura de crustáceos, usada em locais da lagoa com pequena profundidade. Utilizada com atração luminosa feita por um lampião localizado no centro da armadilha.

¹⁶ Funciona como a rede simples mas, é feita com três malhas, duas grandes e uma menor, possibilitando a captura de peixes com diversos tamanhos.

¹⁷ Pequena embarcação sem motor, adequada para pesca em águas calmas, não suporta redes de pesca grandes.

¹⁸ Espécie de canoa, mas com motor de baixa potência, não recomendado para pesca em mares. Não suporta redes de pesca grandes.

¹⁹ Embarcação um pouco maior que a batera e com motor mais potente, apta para pesca em águas calmas e mais agitadas, suporta redes de pesca grandes.

²⁰ Embarcação de médio porte, com até 80 metros de altura, com porão e estrutura para pesca em alto mar, possibilita a utilização de redes muito grandes.

A construção dos Molhes da Barra de Laguna proporcionou para cidade, além de outros benefícios, novos espaços para a prática da pesca artesanal. Inclusive, a pesca artesanal com auxílio dos botos, realizada na porção de praia chamada pelos pescadores de *Tesoura*. Mas, não somente com botos. As duas partes dos molhes (norte e sul) possuem chão de areia batida, as pedras enormes ficam beirando o mar, é possível chegar de carro até o final de cada lado. Diariamente, independentemente da safra dos peixes, por toda extensão dos molhe há pessoas pescando sem o auxílio dos botos, tanto de tarrafas, como de anzol, essas pessoas ficam nas pedras e algumas também descem até a altura da água.

Como ilustrado na figura 2, a *Tesoura* localiza-se no início da parte norte dos molhes, ou seja, antes da construção dos Molhes da Barra ela não existia, pelo menos não no formato que hoje se apresenta e não com esse nome. Segundo alguns pescadores que conversei para essa pesquisa, a pesca com auxílios os botos naquela área, anteriormente a formação da *Tesoura*, dependia da baixa da maré, era descontínua mesmo durante a safra da tainha. Antes dos molhes não havia tantas pedras naquela porção de praia, com a construção muitas foram ali depositadas. O nome desse importante ponto de pesca deriva justamente desse fato, pois os pescadores relataram que as pedras submersas formam a parte de baixo de uma tesoura, onde se encaixam os dedos. A presença abundante de pedras faz com que haja muitos peixes ali, pois “*o boto procura o peixe, e o peixe se esconde nas pedras*”, trecho da fala do pescador Sérgio, assíduo na *Tesoura*.

O local da minha pesquisa está imerso na movimentação pesqueira da cidade, há pescadores por toda a extensão dos molhes ao qual faz parte. Na areia sempre há comercialização de peixes. Além disso, pelas águas da *Tesoura*, dentro do canal, passam diariamente dezenas de embarcações tripuladas por pescadores, indo e vindo do mar.



Imagem 3 - O movimento de embarcações pesqueiras no canal e a comercialização de pescados na *Tesoura*. Fotografia da autora.

Contudo, a *Tesoura*, para além da pesca, faz parte de outra movimentação na cidade, a do turismo, conferindo ao local a participação no circuito dos turistas na região, seu entorno foi bem explorado por esse segmento.

1.3 - A *TESOURA* E O ENTORNO TURÍSTICO.

A abundância de águas e a história da cidade também favorecem o turismo, atividade econômica importante. O turismo histórico patrimonial é impulsionado pela Secretaria de Turismo, Lazer e Comunicação e pela quantidade de bens materiais tombados. Na cidade há um escritório técnico do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN). A descendência açoriana e a história de Anita Garibaldi são muito referendadas na cidade. A figura da heroína possui uma estátua localizada em uma praça no Centro Histórico da cidade. A Casa de Câmara e Cadeia construída em 1735, onde foi proclamada a República Juliana, está inserida no Livro Histórico do IPHAN desde o ano de 1954, é hoje o principal museu da cidade e leva o nome dessa ilustre lagunense. No ano de 1985 o Centro Histórico da cidade, por conta de sua importância arquitetônica com inspiração açoriana e seu valor histórico, foi inserido nos Livros Tombos Histórico e no Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico.

A balneabilidade das mais de 16 praias da cidade é bem explorada por esse segmento, seu desenvolvimento foi acentuado depois da abertura da BR-101 no ano de 1971 (DALL'AGNOL, 2010). Bem próximo aos Molhes da Barra localiza-se uma das praias mais famosas do turismo lagunense, a praia do Mar Grosso, onde há a maior concentração de hotéis, pousadas e camping. É a praia mais perto do perímetro central, a extensão de areia chega a aproximados três quilômetros. O Mar Grosso é um bairro nobre lá estão os edifícios mais altos da cidade, as ruas são largas e pavimentadas.

1.3.i - Expansão urbana e turismo

Para melhor compreensão do sucesso turístico do Mar Grosso, é necessário informar alguns pontos sobre a expansão urbana de Laguna. O traçado da cidade começa sua expansão na década de 50 em duas direções, a primeira ao longo da via que liga o centro à estrada (atual BR -101), sendo ocupada até hoje por uma população de menor renda e muitos pescadores. Nessa região se instalou um comércio misto como padarias, bares, mercados, loja de carros e materiais de construção. A segunda direção da expansão urbana foi justamente em direção ao Mar Grosso, com intuito de constituir um bairro nobre, recebeu incentivos para sua efetiva ocupação, mas os investimentos do estado só vieram no fim da década de 1960, após a construção do primeiro grande hotel em Laguna (LUCENA, 1998; DALL'AGNOL, 2010).

O primeiro Plano Diretor de Laguna, elaborado em 1978, decretou os primeiros tombamentos municipais na área central e no Magalhães (bairro localizado entre o centro e o Mar Grosso), inaugurando o acervo do Patrimônio Histórico e Cultural do município. Sobre as ações ligadas ao Plano Diretor, Liliane Lucena afirma:

Foram efetuados pelo interesse de incentivar a atividade turística e orientar o crescimento e a infra-estrutura da cidade. Nesta época, várias obras foram executadas em quase toda a cidade: pavimentação de ruas, conclusão do Porto Pesqueiro (adaptação do antigo porto carbonífero), ampliação das redes de distribuição elétrica, água, esgoto, construção de hotéis e restaurantes no Mar Grosso. (LUCENA, 1998:50-51)

A expansão e ocupação urbana paulatinamente se intensificam. Diversos casarios foram demolidos e substituídos por novos empreendimentos imobiliários e construções mais modernas. A onda de modernização imobiliária só não foi mais devastadora, por conta do já citado tombamento federal do perímetro central, realizado pelo IPHAN em 1985. (LUCENA, 1998). Com a impossibilidade de modificação na área central, os investimentos imobiliários foram deslocados para o turismo no Mar Grosso.

O processo de Renovação urbana da área central conseguiu ser “freado” pelo Tombamento Federal, enquanto a área balneária do Mar Grosso sofria um processo contrário, recebendo incentivos da Prefeitura que planejava a valorização imobiliária e o desenvolvimento do turismo na área. A exploração imobiliária e os incentivos da Prefeitura conseguiram realmente promover a valorização do solo e atrair para este novo bairro atividades e serviços (restaurantes, hotéis, bares, boates, shows e festas de carnaval), ligados ao principal atrativo do bairro: a praia – o maior e principal espaço público da cidade. Assim, algumas das práticas tradicionais da vida urbana que aconteciam somente na área central, notadamente o lazer da população da cidade, foram “descentralizadas”, não se limitaram mais à Praça da Matriz – o principal espaço público do Centro. (LUCENA, 1998:55-56)

Consequentemente, o Mar Grosso torna-se referência de turismo e lazer para a cidade, perdurando até os dias atuais. A infraestrutura do bairro voltada para o turismo sustenta essa característica. “O Centro apresenta poucas instalações de hospedagem, alimentação e artesanato, entretanto atrai excursões de visitantes que passeiam pelos casarios, mas se hospedam no Mar Grosso” (DALL’AGNOL, 2010:4).

1.3.i.i - Atrações turísticas atuais do entorno

Os limites geográficos da praia do Mar Grosso são delimitados ao sul pelos Molhes da Barra e ao norte pela Rua Luiz Severino Duarte que dá acesso à Praia do Gi. A orla termina, ou começa, nos molhes, onde há uma área para estacionamento, nesse local em alguns eventos de grande porte é erguida estrutura para shows e pistas de dança, bem próximo à *Tesoura*.

No encontro das águas do Mar Grosso com os Molhes da Barra as ondas são maiores, o que torna atrativo para os surfistas, campeonatos de surf são realizados com frequência. Há nos molhes uma co-presença de surfistas (nas águas do Mar Grosso) e pescadores (voltados para as águas do canal).

A *Tesoura* é vizinha do bairro mais nobre da cidade, pólo do turismo. Mas, não é apenas desse lado que está presente o turismo, do outro lado do canal formado pelos molhes, encontra-se o bairro Ponta da Barra, lugar onde me instalei durante a pesquisa de campo. Nesse pequeno bairro existem três restaurantes com seus salões voltados para as águas do canal. É possível do interior dos restaurantes avistar de forma panorâmica a *Tesoura*, e conseqüentemente botos, pescadores e tainhas. A culinária oferecida por esses três estabelecimentos é baseada em pescados e frutos do mar.

A Ponta da Barra é um pequeno bairro com aproximadamente 700 casas, há uma boa parte usada apenas na época do verão, assim como a maioria do comércio e serviço. Durante o resto do ano há pouco comércio, apenas um mercado pequeno, uma quitanda, um bar e uma loja de construção, a sorveteria só abre nos finais de semana. Há também uma escola municipal de ensino fundamental no bairro. O local atrai turistas em busca de belas praias (há três no bairro) e gastronomia, com possibilidade de assistir a pesca artesanal com auxílio dos botos.

Para chegar ao bairro Ponta da Barra vindo da *Tesoura* é necessário cruzar o canal pelo bote que faz a travessia cobrando um real por pessoa (preço referente a 2015). O bote sai de um trapiche ao lado da *Tesoura* e chega a outro trapiche, ao lado dos restaurantes.



Imagem 4– Imagem de satélite da região dos Molhes da Barra, com destaque para a área de estacionamento, área dos restaurantes e praia do Mar Grosso. Imagem de satélite extraída da internet, disponível em <<https://www.google.com.br/maps/@-28.4959161,-48.7530825,1048m/data=!3m1!1e3>>. Acesso em 10.12.2016.

Apresentei a imagem acima com o intuito de demonstrar a área do estacionamento, citada há pouco, destacada pela flecha preta, e a área dos restaurantes, destacada pela flecha vermelha. É possível perceber que a *Tesoura* (marcada pela letra *T* em cor preta) está bem em frente aos restaurantes. A praia do Mar Grosso é toda essa área acima dos molhes e do estacionamento, indicada pela flecha verde.

Importante apontar a questão da sazonalidade do turismo. Como o turismo de Laguna é em boa parte baseado na balneabilidade de suas águas, o verão é a melhor temporada para esse seguimento²¹, lotando a

²¹ Na temporada de verão 2015/2016 a estimativa da prefeitura, disponível no site oficial, foi de receber oito milhões de turistas durante todo o verão. Disponível em: <http://www.laguna.sc.gov.br/noticias.php?cod_noticia=9412>. Acesso em 15.10.2016.

cidade. O evento Moto Laguna Verão marca o início dessa temporada de turismo, sempre no início de dezembro, em 2015 aconteceu a 18ª edição. Esse encontro reúne tradicionalmente mais de dez mil motoqueiros e público de aproximados 140 mil visitantes, são quatro dias de apresentações, debates, músicas e comidas²². O evento acontece na área de estacionamento destacada na última imagem (ver imagem 4). Ou seja, bem próximo à *Tesoura*.

Em Laguna a folia do carnaval está presente. Tradicionalmente a cidade recebe milhares de turistas foliões. Os hotéis fazem pacotes fechados para todo o período de carnaval. Em 2016 o cálculo oficial da prefeitura foi de aproximadamente 250 mil foliões por dia²³.

Há registros de festas carnavalescas em Laguna desde a metade do século XIX, variando entre festejos nos terreiros de religiões de matrizes africanas e festas na rua. Mas, as aparições de blocos de carnaval de rua organizadas pela população local datam da década de 1920 (REIS, 1996). Inicialmente realizado apenas no centro o carnaval de Laguna passou, desde a década de 1960, a ser realizado também no Mar Grosso (LUCENA, 1998). Os pescadores relataram que atualmente apenas os blocos de rua mais antigos, aos quais tocam marchinhas tradicionais, permaneceram com o trajeto pelas ruas do perímetro central da cidade. No Mar Grosso acontecem os festejos puxados pelos trios elétricos, em sua maioria tocando músicas do estilo axé. Os foliões ocupam toda a orla, e os trios elétricos iniciam o percurso naquela área de estacionamento próxima da *Tesoura*.

Se o carnaval e as praias atraem turistas no verão, no inverno a *Tesoura* protagoniza a atração turística. Pois, como apontado na introdução, a pesca artesanal com auxílio dos botos em Laguna ocorre fora da época de verão, entre o outono e o inverno e também atrai turista, mas não com a mesma densidade do verão. No entanto, há um esforço feito pela Prefeitura e Secretaria de Turismo, para atrair cada vez mais turistas. Nos materiais de divulgação do turismo da cidade, tanto impressos como virtuais, ao lado das belas praias sempre figuram o boto e a pesca artesanal com auxílio dos botos.

²² Informação extraída da site oficial da prefeitura. Disponível em: <http://www.laguna.sc.gov.br/noticias.php?cod_noticia=8526>. Acesso em 15.10.2016.

²³ Informação extraída da site oficial da prefeitura. Disponível em: <http://www.laguna.sc.gov.br/noticias.php?cod_noticia=9658>. Acesso em 17.10.2016.

Em outubro de 2015 a prefeitura inaugurou uma estátua em formato de boto na parte superior da *Tesoura*, em frente à área de estacionamento. Particpei da cerimônia na qual o prefeito repetiu inúmeras vezes que “*Laguna é a cidade do boto amigo do pescador e do pescador amigo do boto*”. Em 21 de julho de 2016, foi publicada no Diário Oficial da União a lei federal 13.818/2016 que confere à Laguna o título de Capital Nacional dos Botos Pescadores²⁴. Espera-se com isso maior visibilidade e incremento do turismo.

Importante ressaltar a escolha do espaço para a instalação da estátua, pois existem outros pontos dessa mesma pesca espalhados pelo Complexo Lagunar. A decisão pela *Tesoura* remete ao reconhecimento oficial do local enquanto principal ponto da pesca artesanal com auxílio dos botos da cidade. A escolha também pode ter sido pautada no fato da *Tesoura*, como apontado, estar entre dois bairros consolidados como turísticos, a Ponta da Barra e o Mar Grosso, reiterando a importância do local no circuito do turismo na região.

²⁴ Informação noticiada no site oficial do Planalto Central. Disponível em: <<http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/07/21/sancionada-lei-que-faz-de-laguna-sc-capital-nacional-dos-botos-pescadores>>. Acesso em 17.10.2016.



Imagem 5 - Estátua em homenagem ao “*boto amigo do pescador*”, localizada na parte superior da *Tesoura*. Fotografia da autora.

A *Tesoura*, portanto, está envolvida na importância histórica da sua construção, na atividade pesqueira, na expansão do lazer e do turismo na cidade. É como se o local fizesse a ligação entre uma atividade tradicional, a pesca artesanal, presente na cidade desde tempos antigos e o turismo, atividade advinda com a expansão e crescimento imobiliário do Mar Grosso, que trouxe ares de modernidade. Esses aspectos reforçam seu destaque em relação aos outros pontos de pesca na cidade.

1.4 - A *TESOURA* E OS OUTROS PONTOS DE PESCA.

A partir da observação dos outros pontos de pesca artesanal com auxílio dos botos em Laguna farei uma breve comparação com a *Tesoura*, a fim de apontar algumas diferenças que podem dar pistas sobre os motivos que levam esse local à articulação de várias atividades, tornando-se referencial para cidade.

Os pescadores que tive contato para essa pesquisa calcularam 25 pontos de pesca com auxílio dos botos em todo Complexo Lagunar. Além da *Tesoura*, tive oportunidade de conhecer pessoalmente mais onze pontos: *Arrebentão*, *Areal*, *Centro*, *Capitania*, *Ambiental*, *Ponta das Pedras*, *Toca da Bruxa*, *Areia Mole*, *Quatro*, *Ponta do Guia* e *Balsa*²⁵. Nos outros treze pontos de pesca restantes não é possível chegar por terra, nem para observar, apenas com embarcação, motivo pelo qual não pude conhecê-los pessoalmente.

A primeira diferença que percebi entre esses doze pontos foi em relação à dificuldade de acesso. Apenas na *Tesoura*, *Areia Mole* e no *Centro* é possível chegar de automóveis e estacionar. O *Centro* é ponto de pesca na área central da cidade, beirando a Lagoa Santo Antônio dos Anjos, em frente a um supermercado, ao lado das docas e do local onde saem barcos de passeio pelo Complexo Lagunar. Nesse ponto realiza-se a pesca com e sem auxílio dos botos. Os pescadores à espera dos botos costumam ficar embarcados dentro da Lagoa a uma distância média de 50 metros da margem. Também há pescadores esperando o boto em terra, mas a frequência de botos pulando próximo a eles é bem menor. Algumas pessoas ficam assistindo a pesca no *Centro*, mas não é recorrente e não há comercialização de peixes nesse local.

É possível chegar de carro nos pontos *Arrebentão* e *Areal*, porém não há local de estacionamento e os dois ficam nas áreas residenciais das margens da Lagoa de Santo Antônio dos Anjos, a sensação é de estar invadindo a propriedade de alguma residência. Pois, são bairros com muitos pescadores e nas margens os moradores constroem trapiches para guardar acessórios de pesca e embarcações, essas construções ocupam parte da rua e das águas como se fossem a extensão das casas que beiram a lagoa. Para observar é preciso entrar na água e passar pelos trapiches. Os pescadores ficam imersos na água, sem embarcações. Durante as duas vezes que visitei esses pontos vi apenas um pescador em cada ponto e nenhum boto. O ponto *Ponta das Pedras* tem as mesmas características desses dois últimos citados, passei bem rápido, pois fica em um bairro considerado perigoso, não me senti segura. Alguns pescadores

²⁵ Esses nomes dos pontos de pesca foram os pescadores que me passaram, na Polícia Ambiental e Capitania dos Portos, os nomes oficiais são diferentes. Por isso, aparecerão sempre em fonte itálica.

que conheci moram nesse bairro e me alertaram para não ficar sozinha e nem demorar.

Os pontos *Capitania*, *Ambiental*, *Areia Mole*, *Ponta do Guia e Balsa*, são pontos de pesca onde os pescadores ficam, exclusivamente, em pequenas embarcações, como botes ou bateras, bem próximos à margem, viabilizando assim alguma possibilidade de observação, mas não é recorrente. A *Capitania* e a *Ambiental* ficam próximas uma da outra, são pontos de pesca detrás da Capitania dos Portos e da Polícia Ambiental respectivamente. Mas, estão localizados na porção de água bem atrás dessas instituições, para conseguir observar precisei me esticar na margem ao lado e utilizar um binóculo. Os botes e bateras ficam lado a lado, alguns com dois pescadores, mas a maioria com apenas um pescador em cada embarcação. Não pareciam interagir entre si. Não tive condições de ficar por muito tempo observando, tinha receio de cair na água.

O ponto *Areia Mole* é o mais próximo da *Tesoura*, de lá é possível avistá-lo. Também se localiza no canal formado pelos molhes, mais a oeste, para dentro do Complexo, ao lado do trapiche para fazer a travessia do canal. O acesso não é difícil, mas esse ponto de pesca não é sempre ocupado, precisa entrar um vento específico, numa maré específica. Os pescadores ficam em botes ou bateras, lado a lado, sempre um pescador por embarcação. Todas as vezes que observei não percebi interação e conversa entre eles.

Enfrentei maiores dificuldades de acesso nos pontos *Toca da Bruxa*, *Ponta do Guia e Balsa*. Para chegar à *Toca da Bruxa*, é necessário entrar pelos portões do Porto Pesqueiro, passar pelas instalações e chegar a uma pequena área beirando o canal ao lado das embarcações atracadas. Alguns pescadores ficam em pequenas embarcações e outros fora de embarcações sobre algumas poucas pedras. Para observar foi necessário descer até a altura da água e me equilibrar nas pedras, todas as vezes que fui a esse ponto só havia eu observando, além dos pescadores. A interação entre eles foi pontual e não recorrente.

Equilíbrio também foi necessário para observar a *Ponta do Guia*, nesse ponto a pesca é feita apenas em botes, canoas ou bateras. Um pescador em cada. A *Ponta do Guia* é uma pequena bacia, formada por uma extensão de pedras dentro do canal, no lado oposto ao Porto Pesqueiro. Assim como os pontos *Balsa* e *Quatro*, localiza-se do outro lado do canal em relação à *Tesoura*, ou seja, na parte sul. A experiência de observação desse ponto foi a mais difícil, primeiro porque o único lugar que havia ângulo de observação em terra era na ponta da extensão de pedras, portanto, precisei de equilíbrio para caminhar pelas pedras e permanecer ali. Segundo porque ventava muito no dia e a sensação que eu tinha era de que o vento vinha de todos os lados, mesmo com toca na cabeça cobrindo as orelhas eu ouvia o som forte do vento. Consegui permanecer apenas por aproximadas duas horas, sozinha, percebi que os pescadores estranharam minha observação, não é nada comum esse esforço para observar a pesca artesanal com auxílio dos botos naquele ponto. Durante o tempo que permaneci ali havia oito pescadores distribuídos em oito pequenas embarcações, lado a lado em forma de meia lua, em nenhum momento percebi conversa entre eles.

O ponto *Balsa* fica ao lado da balsa de travessia do canal²⁶, na parte sul. A partir do interior das balsas é possível visualizar alguns pescadores em pequenas embarcações e outros em pé na margem. A frequência de pescadores nesse ponto é esporádica. Para observar por terra e mais de perto, é necessário adentrar uma propriedade ao lado do embarque e desembarque da balsa. Não tive acesso, observei apenas quando fazia a travessia pela balsa.

No bairro que me instalei durante o trabalho de campo, o já citado *Ponta da Barra*, está localizado o ponto *Quatro*, é uma

²⁶ A travessia do canal feita pela balsa é a opção para cruzar de carro, são duas balsas que se revezam, com capacidade entre doze a trinta veículos. Nelas passam também ônibus do transporte público. A travessia é feita na parte do canal mais próxima à Lagoa Santo Antônio dos Anjos, tem o custo de onze reais por veículo (preço equivalente a temporada da tainha 2015).

pequena baía formada pelo início do molhe parte sul, sendo o ponto, dentro do canal, mais próximo do encontro com o mar. É possível chegar de carro, não há espaço para estacionar, eu sempre fui de bicicleta. Não há muitos pescadores ali, fui muitas vezes ao local e vi no máximo três pescadores na areia e alguns nas pedras. As pessoas que passam por ali não param para observar. Há um restaurante beirando essa pequena baía, mas o funcionamento é apenas durante a temporada de verão. Durante a safra da tainha de 2015 o ponto *Quatro* ficou bem vazio e desértico.



Imagem 6- Imagem de satélite, extraída da internet, indicando os citados pontos de pesca da cidade de Laguna. Disponível em <https://www.google.com.br/maps/@-28.4696799,-48.8164954,8571m/data=!3m1!1e3>> Acesso em 10.12.2016

Na imagem de satélite acima marquei com números vermelhos os locais aproximados dos onze pontos que descrevi anteriormente, e com a letra T preta a localização da *Tesoura*: 1 *Arrebentão*; 2 *Areal*; 3 *Centro*; 4 *Capitania*; 5 *Ambiental*; 6 *Ponta das Pedras*; 7 *Toca da Bruxa*; 8 *Areia Mole*; 9 *Quatro*; 10 *Ponta do Guia*; 11 *Balsa*; T *Tesoura*

O acesso à *Tesoura*, tanto para pescar, quanto para observar a pesca, é mais fácil do que nos outros onze pontos. Não é necessário, por exemplo, caminhar sobre pedras para chegar ou estacionar em local proibido. Não há comercialização de pescados em nenhum dos pontos além da *Tesoura*. Outro diferencial é a presença de pessoas não pescadoras assistindo a pesca, apenas na *Tesoura* isso ocorre de forma frequente e constante durante a safra da tainha. Em alguns pontos a sensação de estar sozinha me causou receio e sensação de insegurança. Somente na *Tesoura* avistei todos os dias da safra da tainha de 2015 no mínimo cinco pescadores a espera dos botos, chegando a mais de 40, diferentemente dos outros lugares onde a quantidade de pescadores é bem inferior. Na *Tesoura* há interação contínua entre pescadores e também entre pescadores e frequentadores não pescadores, turistas ou lagunenses.

São diferenças relacionadas ao acesso, à comercialização, à segurança e as características físicas e geográficas alguns dos motivos que podem ter transformado a *Tesoura* em atração para tantas pessoas não pescadoras, e a levaram ao reconhecimento como principal ponto de pesca artesanal com auxílios dos botos em Laguna, materializado pela estátua em forma de boto instalada no local, citada anteriormente (ver imagem 5).

Nesse primeiro capítulo minha intenção foi demonstrar a relevância histórica da *Tesoura*, sua relação com o entorno e algumas especificidades que contribuíram no aprofundamento analítico desse local. A dinâmica de organização dos pescadores, as sociabilidades, as apropriações e as práticas do e no local, também fazem desse ponto de pesca uma referência e serão analisados a seguir.

CAPÍTULO 2 – A PESCA ARTESANAL. INTERAÇÕES, CONFLITOS E NEGOCIAÇÕES

Nesse capítulo minha intenção é mostrar o cotidiano da *Tesoura* a partir dos seus principais sujeitos, pescadores artesanais e frequentadores não pescadores. Separei em três seções principais, a primeira visa localizar a *Tesoura* enquanto local de pesca e praia, apoiando minhas análises em Antônio Carlos Sant’ana Diegues (1983) e Alain Corbin (1989); na segunda apresento as práticas dos pescadores artesanais com auxílio dos botos na *Tesoura*, utilizando conceitos e categorias de Simone Maldonado (1986, 1994), Michel de Certau (1994, 2009) e Clifford Geertz (1978); por fim apresento os frequentadores não pescadores, a quem chamo de espectadores da *performance* nos termos de Richard Schechner (2006). Pretendo revelar que a justaposição de atividades do local é produto do mundo relacional apresentado por Michael Agier (1998; 2011). Todo o capítulo é pautado também no conceito de sociabilidade trabalhado por Heitor Frúgoli Junior (2007).

2.1 – MEU RETRATO DA *TESOURA*

A *Tesoura*, como apontado no primeiro capítulo (ver imagem 2), é uma pequena praia em formato de baía dentro do canal formado pelos molhes, que por sua vez, faz parte do Complexo Lagunar. Tem seu contorno delineado por pedras, areias e vegetações rasteiras, no meio da baía, quando a maré está baixa, é visível um braço de pedras dividindo-a em duas partes, indícios do formato parecido com uma tesoura.

A parte da *Tesoura* mais comumente ocupada tanto por pescadores, como por turistas, visitantes, observadores de botos e passantes, é a porção de areia mais próxima ao mar (se olhar de cima da parte norte dos molhes, é a parte da esquerda), onde há três bancos de concreto encostados na parede de pedras e areias formada pelo molhe norte e apenas um cesto de lixo. Há também um banco de madeira na areia, que dependendo da maré, ora fica submerso, ora aparente.

As águas da *Tesoura* são calmas e ficam mais agitadas apenas quando passam embarcações, voltando rapidamente ao

estado de calma. Sendo assim, o pescador artesanal consegue permanecer imerso sem o incômodo das ondas, por exemplo.



Imagem 7 - Vista desde a areia, pescadores alinhados imersos nas águas calmas. Fotografia da autora.



Imagem 8 - Vista aérea desde o canal, pescadores alinhados nas águas da *Tesoura*, muitos carros nos molhes e no fundo as ondas do Mar Grosso. Fotografia do acervo de Ronaldo Amboni.

Analiso esse rápido retrato da *Tesoura* sob a classificação feita por Antônio Carlos Sant’ana Diegues (1983), nos estudos acerca das condições naturais dos espaços de pesca no litoral brasileiro, subsidiando sua pesquisa em torno dos trabalhadores do mar. Diegues (1983) tipifica os espaços de pesca em três categorias: *espaços litorâneos*, *espaços costeiros* e *espaços oceânicos*. A *Tesoura* é um exemplo da primeira categoria. Nas palavras do autor:

O “espaço litorâneo” (inshore) constituído principalmente pelos ecossistemas estuarinos (lagunas, estuários, foz de rios, baías fechadas e enseadas, recifes e corais). É um espaço abrigado contra as intempéries do mar de fora e explorado pelo pequeno pescador. (DIEGUES, 1983:114).

Os outros dois espaços que ele classifica são localizados fora desses ecossistemas estuarinos e inseridos no mar, não é o caso da *Tesoura*, a qual se aproxima mais dos espaços litorâneos.

No início da minha estadia em Laguna, ao questionar um dos pescadores sobre a razão das águas da *Tesoura* abrigarem tantos peixes, recebi a seguinte resposta:

Além das pedras que tem aqui, eles [os peixes] se criam nas águas de dentro da Laguna e passam aqui pra chegar no mar aberto. (Pescador Geraldo, maio de 2015)

O trecho da conversa pode aludir a mais uma característica da categoria cunhada por Diegues, a abundância de peixes e crustáceos, sobre esses últimos, como citado no capítulo anterior, o Complexo Lagunar é propício para essas espécies. Em relação aos muitos peixes que passam nas águas da *Tesoura*, os espaços litorâneos também possuem esse atributo, segundo Diegues (1983:115), “constituem viveiros naturais de inúmeras espécies de pescado (crustáceos, moluscos e peixes) que aí vivem ou passam parte do seu ciclo de vida, retornando depois ao mar aberto”. Essa citação do autor assemelha-se com a explicação do pescador Geraldo, subsidiando minha hipótese da praia *Tesoura* ser um espaço litorâneo de pesca nos termos de Diegues (1983).

Nesse momento é importante frisar o fato da interdição do nado, surfe e banho nas águas do canal, ou seja, na praia *Tesoura*. Dessa forma, não há banhistas e sim pescadores artesanais dentro da água.

Essa característica se afasta da ideia mais comum de praia com banhos de mar e pessoas bronzeando-se na areia. Mas, não deixa de ser praia e também um espaço de trabalho. Alain Corbin (1989) realizou um denso levantamento histórico sobre a relação do homem ocidental com as praias, focando na costa europeia desde o século XVI. Sobre aquelas destinadas a pesca, como a *Tesoura*, afirmou que esse tipo de praia é

o ponto de articulação entre o trabalho da terra e do mar. A indecisão da fronteira possibilita a superposição ou a justaposição das atividades. (...) nos dias de grandes marés, o estirâncio proporciona trabalho a todos, os pescadores misturam-se com os camponeses. (CORBIN,1989:221).

A citação descreve uma praia destinada à pesca do século XVIII na França, guardada as devidas proporções, alude ao local de minha pesquisa do ano de 2015. Na *Tesoura* presenciei a justaposição de atividades que serão alvo de análises mais a seguir. As “grandes marés”, citadas acima por Corbin, equivalem a safra da tainha, e “os camponeses” aos pescadores que exercem outras funções durante o ano, mas pescam ali durante a safra da tainha e, também, aos indivíduos não pescadores que vão ao local em busca de assistir à pesca e/ou comprar peixes vivos. Retomarei esse autor mais a frente para aprofundar, justamente, a análise sobre a pesca atrair espectadores.

Durante a safra da tainha de 2015 percebi na praia da *Tesoura* um espaço de pesca, comercialização do peixe, e distração diferente do banho de mar e de sol. De cima da parte norte dos molhes, ao olhar para *Tesoura*, no limite esquerdo (mais próximo ao mar) existe uma pequena porção de terra alargada antes das pedras, coberto de grama e algumas árvores, formando sombras e um belo lugar para momentos de lazer, ali há dois bancos de concreto, uma mesa de ferro e o que restou de uma churrasqueira também de ferro. No limite direito (mais próximo à Lagoa) há pequenas dunas e um pequeno trapiche de madeira, onde embarcam e desembarcam pessoas para atravessar o canal por um pequeno bote de motor, citado no primeiro capítulo.

Do outro lado do canal, oposto à *Tesoura*, o que se vê são os restaurantes da Ponta da Barra, algumas bateras e botes atracados, casas à beira do canal e um pequeno morro, o Kobrasil, onde sempre há gado pastando. Ao chegar à *Tesoura* têm-se uma bela vista composta por

águas, areias, gramas, árvores, morro, botos, peixes e claro, pescadores. Sobre esses últimos aprofundarei minhas análises no próximo tópico.



Imagem 9 – Vista área desde o Mar Grosso, no centro a parte norte dos Molhes da Barra, e acima as águas do canal com pescadores alinhados nas duas porções da *Tesoura*. Fotografia do acervo de Ronaldo Amboni.

2.2 - PESCADORES ARTESANAIS DA *TESOURA*.

Considero importante nesse momento esclarecer a quem me refiro quando falo de pescadores artesanais da *Tesoura*. Utilizo, com algumas distinções, a categoria de pescador artesanal empregada por Simone Maldonado (1986) em seu estudo sobre o trabalho dos pescadores na costa da Paraíba:

Os pescadores artesanais. Cujas pesca se caracteriza pela simplicidade da tecnologia e pelo baixo custo da produção – se bem que, atualmente, esses pescadores tenham se modernizado bastante – produzindo com grupos de trabalho formados por referenciais de parentesco, sem vínculo empregatício entre as tripulações e os mestres os botes. Este tipo de pescador tem na pesca artesanal a sua principal

fonte de renda, e a produção volta-se para o mercado, sem perder, contudo o seu caráter alternativo, podendo destinar-se tanto ao consumo doméstico como à comercialização.

Via de regra os pescadores artesanais, também chamados autônomos, têm acesso à atualização da pesca, o que se deve ao fato de lhes ser possível manter contatos mais diretos com o mercado e as fontes de financiamento, principalmente através de armadores ou cooperativas de pesca. Todavia, dependem também de intermediários para comercializar seu produto, tanto devido à perecibilidade deste como porque, geralmente não dispõem de infraestrutura para a sua conservação e de meios para transportá-lo aos mercados mais distantes. (MALDONADO, 1986:15)

Os pescadores artesanais a quem me refiro assemelham-se muito a essa definição da autora, porém é preciso destacar as diferenças do meu caso. Não é possível afirmar que pescar com auxílio dos botos e criar uma sincronicidade de movimentos com esses animais seja uma técnica simples²⁷. Os pescadores da *Tesoura* pescam em *equipes*, organização composta de três ou mais pescadores, visando maior produtividade, contudo Maldonado (1986) descreve que os pescadores artesanais formam grupos de trabalhos constituídos por parentes, e esse não foi o critério que observei em relação à formação das *equipes*, que é pautado em afinidades e habilidades. A maior diferença entre a categoria de pescador artesanal utilizada na presente dissertação e no trabalho de Maldonado (1986) é em relação à fonte de renda. Dentre o grupo de pescadores artesanais da *Tesoura* existem aqueles que não fazem da pesca artesanal sua principal fonte de renda²⁸. Mas, para minha pesquisa, esse fato não os exclui de serem pescadores artesanais durante a safra da tainha de 2015 na *Tesoura*. Inclusive, porque muitos deles, mesmo os que exercem outras funções durante o resto do ano, naquela época, se reconhecem na *Tesoura* como pescadores artesanais.

²⁷ Sobre essa técnica e suas especificidades, o estudo dessas é de suma importância para antropologia. Há um debate atual na disciplina da relação humano e não humano, porém esse não foi e não é meu foco de análise, originaria outra dissertação, quiçá uma tese.

²⁸ Sobre a diferenciação pautada na fonte de renda entre pescadores artesanais e não artesanais, seria necessário outro foco de pesquisa.

Sobre as aproximações com a definição da categoria feita por Maldonado (1986), início pelo custo da produção, não há grandes investimentos além da tarrafa. Na *Tesoura* não precisa ter embarcação pra pescar, por exemplo, nem instrumentos tecnológicos de última geração onerando a produção. Muitos pescadores antes de comercializar a tainha, guardam para o consumo da família, dos vizinhos e parentes, consumo doméstico, como citou a autora. As maiores aproximações são acerca da relação de trabalho e da comercialização, pois todos os pescadores da *Tesoura* estão ali exercendo atividade autônoma, não há vínculo empregatício gerindo a pesca; as tainhas que não conseguem vender ali mesmo na *Tesoura*, são compradas por intermediários, os atravessadores, chamados por eles de *bombeiros*, e revendidas no mercado fora da *Tesoura*. Alguns teriam meios de transportar as tainhas para outros lugares, e condições de armazenamento, mas mesmo assim vendem aos *bombeiros* a produção que não foi negociada ao consumidor da *Tesoura*. Sobre essa negociação aprofundarei mais a frente. Findada a explicação da categoria de pescador artesanal utilizada para essa pesquisa, voltarei à *Tesoura*.

2.2.i - Paredão de corpos

Ao chegar à *Tesoura* durante a safra da tainha é possível encontrar em média 40 pescadores artesanais com água na altura da cintura e peito, lado a lado, e mais uma boa quantidade de pescadores na areia. A imagem dos pescadores alinhados longitudinalmente dentro da água me remeteu um paredão (ver imagens 7, 8 e 9). A maioria deles veste um macacão impermeável com botas acopladas, seguindo sem abertura até o peito e depois duas alças largas o sustentam nos ombros, em dias de mais frio e chuva usam, por cima, um casaco mais impermeável como capa de chuva. Por baixo do macacão vestem camisetas de mangas longas, ou moletons, variando conforme o clima. Os que aparentam menos idade vestem roupas de borrachas usualmente vestidas por surfistas. Todos com bonés, gorros ou chapéus, para proteger a cabeça do sol e do vento.

O conjunto de vestimentas como macacões, proteção de mangas longas, bonés e chapéus, confere indícios de uma preocupação com a resistência do corpo, a maioria dos pescadores artesanais fica imersa nas águas da *Tesoura* por mais de seis horas. Muitos pescadores carregam à *Tesoura* utensílios e mantimentos, que os auxiliam a resistir muitas

horas de pescaria, como protetor solar, óculos de sol, café, biscoitos e água potável.

Os pescadores mais experientes, além de sempre possuírem café e água, são os mais protegidos, continuamente com o aparato de vestimenta completo, diferente dos mais jovens que algumas vezes entram na água descalços, vestindo apenas camiseta e bermuda. Minha hipótese é de que a experiência na pescaria revela, ao longo dos anos, a importância de proteger o corpo. Pois, além das *artes de pesca*, são com os corpos, e nos corpos que a pescaria se realiza. Cristiano Wellington Noberto Ramalho (2011) em um estudo acerca dos processos sociais que são sustentados pelos sentidos dos pescadores da região de Suape/PE, apresenta uma reflexão sobre a centralidade do corpo do pescador artesanal:

Fazer-se pescador é, gradativamente, adquirir consciência cada vez mais sofisticada do próprio corpo, de suas possibilidades de aprimoramento, de autocriação. (...) O corpo é o território sobre o qual ele se torna pescador, sendo inescapável aos homens que voltam seu trabalho para o setor pesqueiro. (RAMALHO, 2011:316/317)

Mais adiante o autor acrescenta:

O bom uso corporal é forte ingrediente do que é chamado de arte da pesca em diversas localidades brasileiras, graças à rica técnica que compõe a execução do trabalho pesqueiro e da qual nenhum pescador pode abster-se. (RAMALHO, 2011:322)

A partir da minha experiência de pesquisa na *Tesoura* compartilho da citada reflexão do autor. Ao perceber os cuidados de proteção com o corpo dentro da água e a importância de manter-se atento e forte para conseguir fazer o *balanço* (movimento para lançar a tarrafa na água) certo, na hora exata, após a sinalização do boto, constatei a centralidade do corpo durante a pesca artesanal com auxílio dos botos.²⁹ Como afirmado por Ramalho (2011) gradativamente o

²⁹A temática do corpo do pescador artesanal precisa de análises mais aprofundas e densas para gerar algumas conclusões. Minha pesquisa criou hipóteses, pois não é meu foco o corpo do pescador. Seria preciso outra dissertação.

pescador vai criando mais consciência do seu corpo e de suas possibilidades. No caso da *Tesoura*, os mais experientes são os mais protegidos. Sincronizar os movimentos do boto com o próprio corpo confere à riqueza da técnica citada pelo autor. Para que a pesca aconteça, o corpo do pescador artesanal na *Tesoura* precisa resistir a uma jornada de várias horas dentro da água, ou mesmo na areia, exposto ao sol e ao vento.



Imagem 10 - Proteções dos corpos. Fotografia da autora.



Imagem 11 - Proteções dos corpos nos dois lados da *Tesoura*. Fotografia de Ayla Figueiredo, acervo NAUI.

2.2.i.i - Organização e conflitos.

Há uma organização sócio-espacial na *Tesoura* gerindo o revezamento dos pescadores na água, feita por eles próprios. É um sistema complexo, mas seu entendimento é bem relevante para compreensão da dinâmica na *Tesoura*. Não foi possível definir quando essa organização começou, o pescador mais experiente que conversei afirmou ser assim desde o *tempo dos antigos*³⁰.

A longitude da praia foi dividida em posições definidas pelo perímetro de uma tarrafa aberta, a média da circunferência das tarrafas usadas no local é de nove e dez metros. Essa forma longitudinal de posições lado a lado desenha um paredão de pescadores (ver imagens 7, 8 e 9), já citado no tópico anterior, à espera dos botos para tarrapear (lançar a tarrafa na água). As posições são chamadas de *vagas*. Segundo os pescadores, essas posições foram criadas e delimitadas a partir dos conhecimentos deles acerca das pedras no fundo das águas e do tamanho das tarrafas

Na porção esquerda da praia, onde se concentram os pescadores mais habituais e mais experientes, há sete *vagas* que são as mais disputadas. Em cada uma delas existe um enfileiramento de pescadores esperando cada um a sua *vez*. Quando o pescador está na *vez*, ele pode tarrapear quantas vezes ele desejar, porém quando a tarrafa vem com peixe ela conta como tarrafada da *vez*, e depois de duas tarrafadas com peixe, o pescador deve passar a *vez* para o próximo pescador da *vaga*. Não importa a quantidade de peixes na tarrafa, importa que tenha ou não peixe, pode ser um ou quinze, a tarrafada conta do mesmo jeito para passar a *vez*. Além das sete *vagas* existe também um espaço chamado de *recurso*, entre a primeira *vaga* (esta fica mais próxima ao limite da *Tesoura* em direção ao mar) e as pedras que delimitam a *Tesoura*. Esse espaço é gerido pelo pescador que está na primeira *vaga*, podendo ele conceder a quem quiser. Nem sempre esse espaço é ocupado, todas as vezes que vi algum pescador ali eram sempre amigos de quem ocupava a primeira *vaga*.

Na porção direita da *Tesoura* também acontece o mesmo sistema de *vagas* e *vez*, mas não há quantidade previamente estipulada de *vagas*, como do outro lado, nessa parte as *vagas* são feitas em acordo com a quantidade de pescadores no dia. Normalmente, são os mais amadores que ali ficam. Segundo os pescadores essa parte tem menos

³⁰ Modo como alguns pescadores se referem ao passado, aproximadamente o tempo referente a duas décadas atrás ou mais.

pedras no fundo, e os peixes se escondem nas pedras, portanto o lado das sete *vagas* é sempre o mais requisitado.

Ainda existe a opção de tarrafeiar de fora de alguma das sete *vagas*, essa possibilidade é chamada de *tarrafeiar por fora*, por isso o paredão de pescadores aparenta ter bem mais de sete enfileirados longitudinalmente. Nessa modalidade de *tarrafeiar por fora* se escolhe uma *vaga* para posicionar-se ao lado e esperar o pescador da *vez* tarrafeiar, após a tarrafa dele tocar na água, o pescador *por fora* pode lançar a sua.

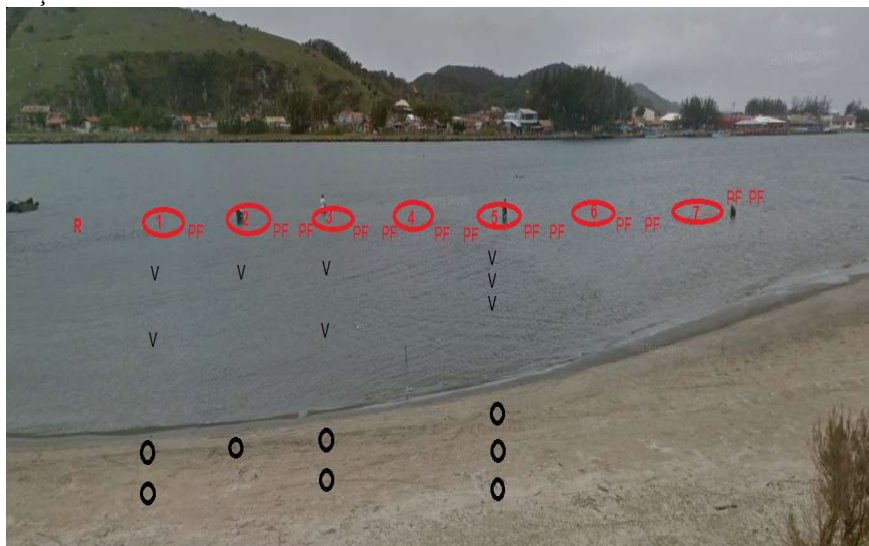


Imagem 12 - Representação da *marcação*. Intervenção da autora em sua fotografia, ilustrando a organização sócio-espacial de *vagas* e *vezes* na parte esquerda da *Tesoura*. Os círculos vermelhos representam as sete principais *vagas* e estão numeradas em acordo à divisão dos pescadores. As letras PF, na cor vermelha, representam os espaços para *tarrafeiar por fora*, e a letra R o espaço do *recurso*. A fila de espera pela *vez* de tarrafeiar está representada tanto pelas letras V na cor preta, quanto pelos círculos pretos na areia.

Esse sistema de revezamento em *vagas* e *vezes* pode ser comparado com a categoria de *marcação*, trabalhada por Maldonado (1994), na sua pesquisa sobre espaço e territorialidade da pesca no litoral da Paraíba:

É importante compreender a *marcação* para compreender a pesca, tanto por se tratar de uma prática comum aos pesqueiros, fundamental à

náutica e à produção, como pela riqueza e significação das formas em que se expressa nas sociedades marítimas. (...) A *marcação* é uma das instâncias em que se constrói, se expressa e se atualiza na territorialidade dos pescadores. (...) A *marcação* é sem dúvida uma prática social ligada à territorialidade, conceito que informa fundamentalmente o conhecimento marítimo e as outras práticas que a ela se associa na construção do horizonte de relacionamento das sociedades pesqueiras com o real. A literatura sobre pescadores mostra ser generalizado que eles se organizem e façam, dentro da teoria local, o gerenciamento e a exploração dos espaços de cada comunidade, dividindo o mar em zonas de pesca, mares, bancos de peixe, pesqueiros, “pedras” e “grounds”. (aspas e grifos da autora) (MALDONADO, 1994: 97/98)

Como citado pela autora, esse tipo de organização sócio-espacial é essencial para entender a dinâmica de um ponto de pesca, é comum em grupos de pescadores que dividem esses pontos, serve como gerenciamento e é fundamentado nos conhecimentos locais do território. Na *Tesoura* não foi diferente, pois, como afirmado pelos pescadores, as *vagas* foram criadas em acordo aos conhecimentos dos pescadores acerca das pedras submersas e dos tamanhos das tarrafas.

Para que os pescadores aqui tratados possam, de forma mais eficiente, fiscalizar a *marcação*, e também para maior produtividade no dia, eles se organizam em *equipes*. Como citado no tópico anterior, é comum grupos de trabalho entre pescadores artesanais (MALDONADO, 1986). As *equipes* da *Tesoura* são, na maioria das vezes, composta de três membros: que revezam entre ficar na água tarrafeando; ficar na areia vigiando as tarrafas e observando o movimento dos botos e dos outros pescadores; e ficar na areia para comercializar o peixe. Quando o pescador acerta uma boa tarrafada a *equipe* toda se mobiliza para trazer os muitos peixes à areia. No final de um dia as *equipes* se dissolvem, e o dinheiro arrecadado é dividido em partes iguais. As *equipes* são formadas sempre no dia, não existem *equipes* fixas, mas sim pessoas que circulam sempre nas mesmas *equipes*. Na areia ficam as tarrafas enroladas e dispostas para marcar a *vaga* e a *vez* dos integrantes das *equipes*. Normalmente a estratégia consiste em juntar um pescador mais habilidoso para tarrafejar, um mais

apto para negociações e outro mais experiente para observar os botos, as *vagas*, as tarrafas na areia e os outros pescadores.



Imagem 13 - A marcação na areia. Fotografia da autora.



Imagem 14 - *Equipe em ação*. Fotografia do acervo de Ronaldo Amboni.

Eu demorei alguns dias pra entender esse sistema de *marcação* e revezamento, precisei de várias explicações e muitas horas de observação. A fala de um pescador, cuja experiência na *Tesoura* é de mais de dez anos, demonstra a complexidade e até mesmo a dificuldade de compreensão dos próprios pescadores:

São sete vagas do lado de cá, do beco da pedra até a ponta do quarto, depois mais lá tem, outras vagas, mas essas vagas aqui, a primeira, segunda, terceira, são muito procuradas, pra pegar essas vagas lá, eles já dormem lá, tu entendesse? Então quando eu chego, uma hora, duas hora da madrugada, vou pegando da terceira pra lá, é muito difícil eu pegar a primeira, a segunda ou a terceira vaga nesse horário, então a turma lá já dorme lá.

Ai eles gritam assim “tais preso por uma”, se eu pego uma, “tais preso por uma” ai eu tenho a chance de dar outra tarrafada, se pega mais, na outra tarrafada, eu perco a vaga

Eu custei a decifrar isso lá, não sei quantos anos, mas custei, eles dão um branco, eles roubam, eles dão um branco na cabeça, os cara velho de lá, que pesca lá, eles dão um branco na cabeça do cara, eles roubam vaga. O cara tem que tá muito acostumado que eles roubam o cara e deixam o cara na mão. (Pescador Geraldo, maio de 2015)

A complexidade desse sistema de *marcação*, que compõe o cotidiano na *Tesoura*, é tão grande, que mesmo toda experiência do pescador Geraldo não garante compreensão e plena participação. A fala desse pescador também remete aos conflitos gerados em torno da disputa pelas melhores *vagas* e da *marcação*.

Atualmente a regra para garantir uma boa *vaga* é baseada na ordem de chegada dos pescadores na *Tesoura*, quem chega primeiro escolhe a *vaga* que deseja e assim por diante. Porém no *tempo dos antigos* as melhores *vagas* só poderiam ser ocupadas pelos homens

casados, com família para sustentar. O pescador Carlos me explicou como funcionava:

Os mais velhos não deixava a gente pescar perto, tinha que casar pra pescar. Tinha que ser casado senão não pescava. Eles botavam uma placa assim né, o pessoal solteiro não podia passar dali. Só o pessoal casado. Se passasse o pau comia. (Pescador Carlos, julho de 2015)

Essa regra hoje não é usada, se a prática da pesca artesanal preserva uma série de critérios tidos como tradicionais entre os pescadores, mostra também que não são regras congeladas, que existe uma dinâmica que deve ser acompanhada. Assim como, a importância de estudar regras de parentesco entre as comunidades pesqueiras, mas não é alvo desta pesquisa.

Faz parte da dinâmica cotidiana das *equipes* um monitoramento do desempenho dos integrantes, aqueles que ficam na areia vigiam as tarrafas, as *vagas* e também exercem um papel motivacional. É comum gritos de incentivo ou repreensão. Há uma relação de expectativa dentro das *equipes*. Como citado por Maldonado (1994) a *marcação* é uma prática social e constrói relações. Segundo Heitor Frúgoli Junior (2007), no seu trabalho sobre atores e grupos sociais na cidade, relações pautadas em consensos e finalidades práticas são entendidas enquanto sociabilidades. Dessa forma, a *marcação* como prática social cotidiana da e na *Tesoura* também confere momentos de sociabilidades.

Ao falar de cotidiano é importante esclarecer esse conceito. À luz de Michel de Certeau (1994, 2009), o cotidiano é o conjunto complexo e singular de práticas e procedimentos realizados pelo indivíduo no espaço vivido, difíceis de delimitar. São as *artes de fazer* a vida, arte no sentido de recriar, lugar da liberdade e da criatividade. Como demonstrado até aqui e pretendo seguir, o cotidiano da *Tesoura* é um conjunto de procedimentos, relações, sociabilidades e organizações que reinventa a prática tradicional da pesca artesanal com auxílio dos botos.

Na *Tesoura* as regras de *marcação* que existem, e que existiram, podem ser pensadas sob o conceito de *conveniência* desenvolvido por Michel de Certeau, Luce Giard e Pierre Mayol (2009). Está no nível dos comportamentos, a *conveniência* contribui e torna possível a vida coletiva, coloca regras e reprime o que não convém. De

forma simbólica gerencia a face pública de cada sujeito no espaço público. Promulga regras do uso social, sendo social o espaço do outro. Produz comportamentos estereotipados pelo tempo. O sujeito se compromete a ter um comportamento conveniente visando benefícios simbólicos de inserção e manutenção da vida pública continuamente. Nas palavras dos autores:

Ela se encontra no lugar da lei, aquela que torna heterogêneo o campo social proibindo que aí se distribua em qualquer ordem e a qualquer momento não importa que comportamento social. Ela reprime o que “não convém”, “o que não se faz”; ela mantém á distância, filtrando-os ou banindo-os, os sinais de comportamentos ilegíveis no bairro, intoleráveis para ele, destruidores por exemplo da reputação pessoal do usuário. Isto quer dizer que a conveniência mantém relações muito estreitas com os processos de educação implícitos a todo grupo social: ela se encarrega de promulgar as “regras” do uso social, enquanto ser público. A conveniência é o gerenciamento simbólico da face pública de cada um de nós desde que nos achamos na rua. A conveniência é simultaneamente o modo pela qual se é percebido e o meio obrigatório de se permanecer submisso a ela: no fundo, ela exige que se evite toda dissonância no jogo dos comportamentos, e toda ruptura qualitativa na percepção do meio social. Por isso é que se produz comportamentos estereotipados, “prêt-à-porter” sociais, que têm como função possibilitar o reconhecimento de não importa quem e não importa que lugar. (aspas do autor) (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 2009:49)

O diálogo com os autores pode ser frutífero, pois a *conveniência da marcação na Tesoura* estabelece e estabeleceu quem pode pescar, quando e onde. Além de manter um estado de coesão no espaço, fazendo o pescador respeitar a *vaga e vez* do outro. A formação de *equipes* também faz parte dessa conveniência, pois pude presenciar escolha de *equipes* na qual um pescador deixou de ser escolhido porque roubava *vagas*. Esse pescador ficou com má reputação. É comum conflitos em torno dessa *marcação*.

Todo dia sai briga. Às vezes o cara é tão enrolão nesse negócio que fica parecendo boto ruim. Outro dia aquele menino que só rouba veio aqui, aquilo é boto ruim, a gente já expulsou, falou pra num vir mais e o cara volta. Aqui é lugar de trabalhador! (Pescador Geraldo, junho de 2015)

Nessa última fala a má reputação pelo não respeito à *conveniência* (CERTEAU et al., 2009) é escancarada. Há uma interdição de pesca àqueles que descumprem as regras. Outro ponto relevante na fala é a comparação com o boto. Como apontei na introdução dessa dissertação, em Laguna os pescadores dividiram os botos em dois grupos a partir da atuação na pesca. O *boto bom* trabalha na pesca, o *ruim* não. Na fala do pescador Geraldo, o rapaz a que ele se referiu como *boto ruim* infringiu as regras da *Tesoura* e não é considerado trabalhador.

Alguns pescadores recebem a fama velada de *esganação*, esse adjetivo se aproxima da noção de ambição e ganância. São pescadores que possuem boas condições financeiras, seja por aposentadoria ou por uma ocupação paralela à pesca, mas disputam as melhores *vagas*, chegam bem cedo na *Tesoura* e garantem as *vagas* que comumente gera mais rendimentos. Se o conceito de *conveniência* (CERTEAU et al., 2009) traz a ideia de tornar possível a coesão na vida coletiva, evitar dissonâncias e de simbolicamente gerenciar a face pública dos indivíduos, a *esganação*, na ótica de alguns pescadores, interfere no bom andamento do grupo. Esses julgamentos por parte dos pescadores que se consideram prejudicados pela *esganação* geram comentários velados e cria comportamentos estereotipados referentes à ganância e à ambição. Mas, diferente do rapaz chamado de *boto ruim*, os pescadores que recebem a fama de *esganação* não sofrem interdição, ou deixam de pertencer ao grupo, apenas são pescadores estereotipados. São nuances como essas que tornam o cotidiano da *Tesoura* um conjunto complexo de interações, conflitos e negociações nas relações da pesca artesanal.

2.2.i.i.i - Diferenças e sociabilidade.

O grupo de pescadores que conheci e convivi durante a safra da tainha de 2015 na *Tesoura* é um grupo bem diverso. Alguns são aposentados, outros estão ali em busca do sustento ou complementação

de renda e alguns de férias da ocupação principal. O gênero não varia, são todos homens.

Selecionei nove pescadores frequentadores assíduos da *Tesoura* durante a temporada da tainha de 2015 para trabalhar na presente dissertação, pois acredito que podem dar um panorama das características e demonstrar a heterogeneidade do grupo. A tabela a seguir sintetiza as características que pretendo analisar:

Tabela 1 - Características analisadas dos nove pescadores. Tabela feita pela autora.

Nome	Idade	Reside próximo a outro ponto de pesca com botos	Principal meio de locomoção até a <i>Tesoura</i>	Pesca o ano todo, fora da safra da tainha	Possui outra fonte de renda e/ou ocupação além da pesca	Principais atividades que realiza dentro das equipes
Pepê	27	Sim	Bicicleta	Sim	Sim	Tarrafeiar e vender peixes
Marcio	41	Sim	Carro	Não	Sim	Tarrafeiar, vigiar <i>vagas</i> e vender peixes
Carlos	51	Sim	Batera	Sim	Não	Não pesca na <i>Tesoura</i> , vai somente para vender peixes
Humberto	52	Sim	Carro	Não	Sim	Tarrafeiar, vigiar <i>vagas</i> e vender peixes
Gabriel	55	Reside em outra cidade	Moto	Não	Sim	Vigiar <i>vagas</i> e vender peixes
Adriano	58	Sim	Carro	Não	Sim	Vigiar <i>vagas</i> e vender peixes
Geraldo	61	Sim	Bicicleta	Sim	Não	Tarrafeiar e vigiar <i>vagas</i>
Sérgio	66	Reside próximo à <i>Tesoura</i>	Bicicleta	Sim	Aposentado	Tarrafeiar
Joaquim	70	Sim	Bicicleta	Não	Aposentado	Vigiar <i>vagas</i> e vender peixes

Através da tabela é possível perceber a variação de idade do grupo de pescadores artesanais frequentadores da *Tesoura*, o mais jovem tem 27 anos e o mais velho 70. Essas diferenças etárias também são percebidas, como apontado no tópico 2.2.i.i - Paredão de corpos, nos cuidados com o corpo e preparação destes para a pesca. Outra relação com a diferença etária é perceptível na função de cada pescador dentro das *equipes*, pois os mais jovens, na maioria das vezes, cumprem a função de tarrafejar, enquanto os pescadores mais velhos, a de vender os peixes e vigiar as *vagas*. Esse fato pode estar ligado tanto à vitalidade do corpo mais jovem, quanto à experiência em negociação dos mais velhos. Com exceção do pescador Sérgio, os mais velhos costumavam não resistir por mais de duas horas dentro da água.

Na areia da *Tesoura* além de tarrafas enroladas, sempre há bicicletas com caixas plásticas acopladas no lugar das cestinhas, ou das garupas. Essas caixas acopladas nas bicicletas e os porta-malas dos carros servem de suporte para guardar os utensílios e mantimentos, como café e roupas, aos quais os pescadores levam à *Tesoura*. Como apontado na Tabela 1, os dois meios de locomoção são presentes. Os carros, segundo os pescadores, são mais recentes. Há mais de uma década atrás, Márcia Calderipe (2001) realizou sua pesquisa de mestrado sobre a sazonalidade no trabalho dos pescadores da região do Camacho, nas proximidades de Laguna (como citado anteriormente, a Barra do Camacho faz parte do Complexo Lagunar) e constatou:

A bicicleta é um importante meio de locomoção no Camacho, utilizada principalmente pelos homens. É equipada com uma caixa plástica no bagageiro que serve para carregar as artes de pesca ou o peixe ou o que seja possível transportar nela (CALDERIPE, 2001:4).

Esse também foi meu principal meio de locomoção em Laguna durante minha estadia e pesquisa. Os pescadores disseram que alguns anos atrás não haveria lugar para estacionar minha bicicleta, pois a quantidade na areia era bem grande. Contudo, nos dias atuais muitos pescadores utilizam o carro, a fala do pescador Marcio, ilustra essa mudança:

Se fosse há dez anos atrás e você chegasse na Tesoura teria ali onde ficam as tarrafas, mais ou menos umas trinta bicicletas

empilhada dos pescador com caixa, uma em cima da outra. Hoje tu vai, é cinquenta carro na beira da praia, hoje muitos aqui tem carro né, antigamente não, era bicicleta. (Pescador Marcio, maio de 2015)

O trecho da fala acima em conjunto com a citação do trabalho de Calderipe (2001) remete às mudanças³¹, mas ainda existem na região a presença das bicicletas e suas respectivas caixas.

Ao fazer a relação da coluna referente ao meio de locomoção, com a coluna referente à outra fonte de renda e/ou ocupação, é possível perceber que todos os pescadores que chegam de carro possuem sim outra ocupação e/ou fonte de renda além da pesca. Essa aproximação de informações pode indicar que o grupo de pescadores artesanais frequentadores da *Tesoura* na temporada de 2015 são, também, heterogêneos em relação às condições sócio-econômicas. Dessa forma, o meio de locomoção pode ser também um marcador de diferenças.



Imagem 15 – Bicicletas e carros estacionados. Fotografia da autora.

Na tabela 1 a coluna referente ao local de residência, demonstra que a maioria dos pescadores reside próximo à outro ponto de pesca

³¹ Seria necessário um estudo com foco sócio econômico para concluir se o pescador artesanal atualmente está em melhores condições financeiras comparado há uma ou duas décadas atrás, mas não é o caso da presente pesquisa.

com auxílio dos botos, mas por algum motivo preferem ir à *Tesoura*. Esses motivos podem estar pautados nas diferenças, que relacionei no primeiro capítulo, entre outros pontos de pesca e a *Tesoura*, como o fácil acesso, a segurança e a comercialização de peixes. Ao questionar os pescadores sobre o motivo de preferirem pescar na *Tesoura*, todos afirmaram que a comercialização do peixe no local interfere na escolha e alguns relataram a importância das *equipes* e das amizades que fizeram ali. Como é o caso do pescador Gabriel, que reside em outra cidade (a 95 quilômetros de distância), mas todos os anos, durante a temporada da tainha, fica em Laguna exclusivamente para pescar na *Tesoura*, faz esse deslocamento há oito anos. Esse pescador afirma que as *equipes* o possibilitaram a fazer amizades, estreitar os laços com pescadores que já conhecia, e que a venda dos peixes complementa sua renda.

O caso do pescador Carlos é um exemplo de como a organização sócio-espacial em *vagas* e *equipes*, é uma referência da *Tesoura* e pode não atrair pescadores artesanais. Pois, como apontei na tabela, esse pescador vai à *Tesoura* apenas para vender os peixes que pescou em outro lugar. Chegava de batera, por água, depois de uma jornada de pesca. Afirmava ter pescado com auxílio dos botos em outros pontos do Complexo Lagunar, aos quais não é possível chegar por terra. Relatou-me que não gostava de pescar na *Tesoura* justamente por conta das regras da organização sócio-espacial realizada pelos pescadores.

A formação das *equipes*, como apontei, é composta por três ou mais pescadores, na maioria das vezes foram três. As principais atividades dos integrantes são tarrafejar, vigiar *vagas* e vender os peixes. Na tabela é possível perceber que nem todos os pescadores cumprem todas as funções, alguns pescadores integram as *equipes* e ficam apenas na areia vigiando e vendendo peixes, como é o caso dos pescadores Joaquim e Adriano, mesmo quando estavam vestidos com os macacões impermeáveis não os via na água, sempre na areia. Segundo os outros pescadores, esses dois são os melhores negociadores de peixes da *Tesoura*. Ao relacionar a coluna referente às atividades dentro das *equipes* com a coluna referente a pescar durante o ano todo, mesmo fora da safra da tainha, é possível perceber que todos pescadores que não param de pescar durante o ano, quando integram as *equipes*, cumprem também a função de tarrafejar. Essas diferenças de funções dentro das *equipes* são consideradas. Por exemplo, em nenhum momento os pescadores Joaquim e Adriano integram a mesma *equipe*. Nesse sentido, o pescador Pepê precisa integrar uma *equipe* que tenha pelo menos um pescador mais habilidoso em vigiar *vagas*.

Minhas intenções em apresentar a Tabela 1 e fazer as análises acima foram de demonstrar algumas diferenças e aproximações dos pescadores artesanais que frequentaram a *Tesoura* durante a safra da tainha de 2015, e como a heterogeneidade é trabalhada dentro do grupo a fim de trazer benefícios, por exemplo, a formação das *equipes*.

As diferenças relacionadas às condições sócio-econômicas ou etárias, por exemplo, não impedem que o grupo partilhe as regras da organização sócio-espacial. O pescador Carlos conhece as regras das *vagas* e justamente por isso prefere não pescar na *Tesoura*. Os outros pescadores não o proibem de vender seus peixes naquela praia, e também não o condenam por isso, ele faz parte do grupo mesmo sem pescar. Dessa forma, as diferentes atividades relacionadas à pesca artesanal com auxílio dos botos, como tarrafejar, vigiar *vagas* e vender os peixes, contemplam e reelaboram as diferenças dentro do grupo de pescadores. Possibilitando assim momentos de sociabilidades.

Novamente compreendo aqui o conceito de sociabilidade a partir das considerações de Heitor Frúgoli Junior (2007), ou seja, socialização humana arquetípica, uma organização social lúdica em forma de associação básica, com o propósito na própria interação. Lúdicas por se realizar através de uma relação de “jogo” em que todos atuam como se fossem iguais, as diferenças são reelaboradas.

Importante reiterar a contribuição de Michel Agier (1998; 2011) para os estudos urbanos. O autor defende a coexistência de diferentes usos e práticas nos espaços das cidades, não apenas como uma justaposição de atividades, e sim como *mundos relacionais* que povoam e conferem sentido às localidades. Indivíduos em contato, seja por laços familiares, ou por se considerarem pares, ou compartilharem a mesma linguagem, estão em uma ordem relacional, a partir do alargamento das relações domésticas para o espaço público. Segundo o autor os espaços das cidades são tomados como *relacionais*, pois produzem fenômenos significativos e invenções culturais inéditas, e não apenas justaposições de atividades. Como demonstrei nesse tópico as diferentes atividades da e na *Tesoura*, não são apenas justaposições, mas colocam as diferenças dentro do grupo em relação, são produtos do *mundo relacional* (AGIER, 1998; 2011) e viabilizam sociabilidades (FRÚGOLI JUNIOR, 2007).

2.2.i.v - Comercialização do pescado

A negociação e venda dos peixes é a atividade que coloca os pescadores artesanais em interação com os frequentadores não pescadores da e na *Tesoura*. Todos os dias na safra da tainha os pescadores comercializam o peixe ali mesmo, muitos ainda vivos. Improvisam pontos de venda nas mesas que antes serviam como plataformas para pescar e obter maior alcance na tarrafada, atualmente o uso dessas plataformas foi proibido pela polícia ambiental, tornando-se mesas para expor os peixes. Alguns pescadores usam as mesas e outros deixam os peixes expostos na areia mesmo. Para manter os peixes vivos por mais tempo, há uma *sacolinha* feita com um tipo de rede preza a um bambu fincado na areia, e fica submersa com peixes dentro.



Imagem 16 - Pescadores e *sacolinha* submersos. Fotografia da autora.

É muito importante manter os peixes vivos o maior tempo possível, pois esse é um dos atrativos da comercialização na *Tesoura* e agrega valor na hora da negociação. Principalmente nos fins de semana,

quando o local recebe um número maior de frequentadores em busca de assistir a pesca e comprar peixes.

No início da pesquisa eu acreditava que o preço da tainha na *Tesoura* era mais barato comparado à peixaria, pois se compra direto do “produtor”, sem intermediários. Porém, após alguns dias percebi que estava equivocada, o preço na *Tesoura* é o mais alto da cidade e, mesmo assim, muitas pessoas procuram esse local para comprar peixes. Depois dessa constatação questionei o pescador Adriano sobre isso, visto que esse pescador é referência na comercialização, ele respondeu:

Quem compra aqui sabe que é mais caro do que em outros lugares da cidade, mas o peixe aqui é mais fresco, é o único lugar que se vende o peixe vivo. E também a pessoa junto com o peixe leva também a oportunidade de ver esse espetáculo que é a pesca com boto.
(Pescador Adriano, maio de 2015)

Percebi que além do valor do peixe balizado pelo mercado da região, outros fatores compõem o preço dele na *Tesoura*, como o fato de estar vivo e a experiência de ao comprar os consumidores poderem assistir a pesca com auxílio dos botos. Gostaria de destacar o caráter de espetáculo ao qual o pescador Adriano se referiu, mais a frente vou explorá-lo.

Durante o tempo da minha pesquisa identifiquei três casos mais recorrentes de negociação: um quando a tarrafa com peixes acaba de sair da água; outro quando os peixes estão expostos, ou na areia, ou nas mesas; e o terceiro quando o pescador traz peixes capturados em outros lugares, expondo-os perto das pequenas embarcações atracadas.

Quando o pescador consegue uma tarrafada com peixes e sai da água, ao chegar à areia sua equipe o ajuda e começam a *desmalhar* (termo usado para designar a ação de tirar os peixes da tarrafa). Nesse momento aglomeram-se pessoas em volta, algumas tiram fotos e outras já iniciam uma negociação apontando e perguntando preços, enquanto as tainhas ficam debatendo ainda vivas.



Imagem 17 - A atração da chegada de uma tarrafa cheia. Fotografia da autora.

O trecho do diário de campo de uma quinta-feira ilustra a negociação que acontece logo após a chegada de uma tarrafa cheia de peixes na areia:

Marcio, pescador da *equipe* de Adriano e Geraldo chega com a tarrafa na areia, deve ter vinte tainhas dentro, rapidamente a *equipe* começa a *desmalhar* os peixes. Nesse momento chegam cerca de dez pessoas em volta, a maioria com celulares tirando fotos dos peixes se debatendo. Um senhor pergunta quanto é, apontando para o maior peixe daquele cardume, Adriano pára de ajudar a desmalhar, olha para o senhor e responde:

- Essa é trinta reais, mas se levar a tarrafada toda é cento e oitenta.

O senhor diz que não quer tudo, Adriano pega duas menores, separa junto com a indicada pelo senhor e diz que faz as três por sessenta reais. O senhor espera uns segundos olha pras tainhas e afirma com a cabeça, diz que vai levar. Adriano se dirige à bicicleta de Geraldo, pega um saquinho de mercado coloca as três tainhas. O senhor paga com uma nota de cinquenta reais e uma de dez, sai

com os três peixes se debatendo dentro do saco. Adriano volta para tarrafa, conversa algo com sua *equipe*, eles arrumam o peixe na areia mais próximo à bicicleta de Geraldo e voltam cada um para o seu posto na equipe. (Diário de Campo, 28 de maio de 2015)

Selecionei esse trecho, pois apresenta três aspectos importantes de ressaltar, uma vez que foram os mais vistos nesse tipo de negociação durante o *desmalhar*: a aglomeração das pessoas tirando fotos dos peixes vivos; a negociação rápida; e o fato do comprador não questionar o preço.



Imagem 18 - A negociação durante o *desmalhar*. Fotografia da autora.

O segundo tipo de negociação é aquela ocorrida com os peixes já fora das tarrafas e expostos. Normalmente os vivos são expostos na areia, recém saídos das *sacolinhas* ou das tarrafas e, nas mesas, bem arrumados, ficavam os não vivos. Os possíveis consumidores são os frequentadores que caminham pela areia, observando a pesca, fotografando ou filmando a uma distância, não seguem direto em direção às tarrafas com peixes e se aglomeram. Observam todos os peixes expostos na *Tesoura*, perguntam o preço ali, acolá, fazem pesquisa antes de começar a negociar com algum pescador. Às vezes negociam com mais de um pescador até confirmar a compra. Nessa negociação o pescador precisa demonstrar mais habilidade de vendedor.

O trecho a seguir, extraído do diário de campo, registrado em um domingo, pode ilustrar:

Pepê está bem animado, tomando caipirinha, hoje só o vi na areia negociando, tirou os peixes da redinha os jogou na areia, aproximadamente oito peixes. Aproxima-se uma família de três pessoas (pai, mãe e uma criança) que estava caminhando pela *Tesoura*, a criança parece encantada com os botos. O pai pergunta quanto é o peixe, rapidamente Pepê responde:

-Aqui a pessoa escolhe o peixe e depois eu dou o preço.

O pai olhou para a mãe, ela apontou para um peixe que não consegui ver exato qual era. Pepê disse que custava vinte e cinco reais. A mulher disse que tava caro. Pepê riu e devolveu:

- Caro é contrafilé, eu não tô vendendo boi!

A família riu, mas disse obrigada e seguiu caminhando sem comprar. Pepê olhou pra mim e disse:

-Se eles passarem aqui de novo eu vendo.

Em menos de dez minutos a família que tinha parado na mesa de peixes de outro pescador, sem comprar novamente, passou na frente dos peixes de Pepê. Ele gritou:

-Vamos lá freguesia, vamos negociar. Se levar mais de um peixe, o preço melhora. Faço três peixes aqui por cinquenta pila. Eles tão gordos e estão vivos

A família se aproximou novamente e comprou três peixes por cinquenta reais. Quando se afastaram Pepê olhou pra mim novamente e disse:

-Viu, num falei que vendia? (Diário de campo, 21 de junho de 2015)

No trecho selecionado quero ressaltar a habilidade de negociação do pescador Pepê, e como ele precisou chamar o freguês, fazer piadas e valorizar seu produto, comparando-o com carne de boi. A família

preferiu levar os peixes vivos de Pepê a levar os peixes não vivos da mesa de outro pescador. A negociação não foi rápida como no primeiro caso. Houve uma pesquisa de preços e, para garantir a venda, Pepê aumentou a quantidade, reiterou as qualidades do peixe, frisou que estavam vivos e diminui o preço.



Imagem 19 - Peixes vivos à venda. Fotografia da autora.



Imagem 20 - A negociação de peixes vivos (1). Fotografia da autora.



Imagem 21 - A negociação de peixes vivos (2). Fotografia da autora.

O terceiro caso é a negociação com o pescador que chega à *Tesoura* pela água trazendo peixes não vivos, capturados em outros pontos de pesca, apenas parara vender na praia. É o caso do pescador Carlos, que atraca sua batera na beira da praia, acomoda uma tábua de madeira na areia e expõe seus peixes por cima. Fica sentado na batera ao lado dos peixes, esperando alguém abordá-lo, diferente do pescador Pepê que naquele dia ficava chamando a atenção de quem passava. Vi por mais de oito vezes o pescador Carlos nessa posição, no mínimo

todos os finais de semana que passei na *Tesoura* e alguns dias de semana também. O trecho que apresento a seguir ocorreu em um sábado.

Carlos chegou perto das 16 horas, arrumou os peixes e logo apareceram dois homens abordando-o, me aproximei para ouvir melhor a negociação. Os homens queriam saber quais tainhas ali tinham ovas e também perguntaram onde ele havia pescado. Carlos apontou pras duas maiores, os dois homens questionaram novamente, com ar de desconfiados, mas perguntaram o preço. O pescador pediu oitenta reais, disse que cada tainha com ovas eram quarenta reais ali na *Tesoura*. Um dos homens disse:

- Tá muito caro, elas nem são vivas. Você que pescou?

Carlos retrucou:

- São frescas, pesquei tudo hoje aqui na Laguna.

O mesmo homem disse que pagaria trinta reais em cada. Carlos com ar de contrariado aceitou. Depois que os homens se afastaram, ele olhou pra mim e disse:

- Esses dois me enrolaram! (Diário de campo, 6 de junho de 2015)

Minha intenção com esse trecho é reiterar a importância do peixe estar vivo na negociação. A informação da origem do peixe foi relevante na negociação. Os dois homens questionaram a procedência do peixe pelo fato do mesmo não estar vivo, e diminuíram o valor que o pescador solicitou justamente por não ter sido pescado ali. Esse tipo de argumento é usado por alguns frequentadores na *Tesoura*.



Imagem 22 - Peixes não vivos à venda, capturados em outros pontos. Fotografia da autora.



Imagem 23 - Negociação de peixes capturados em outros pontos (1). Fotografia de Natália Perez, acervo NAUI.



Imagem 24 - Negociação de peixes capturados em outros pontos (2). Fotografia da autora.

Apresentei esses três exemplos de negociação com o intuito de demonstrar um panorama de como a comercialização do peixe acontece na *Tesoura*, entre pescadores e frequentadores. As habilidades e estratégias de vendas, como apresentado nos exemplos acima, são variadas, mas mantêm um padrão no sentido de quanto mais peixes vender melhor. O valor do peixe é definido pelo pescador, como visto, no momento da venda o faz com base em critérios que tem a ver com a sua experiência e seu conhecimento sobre o peixe, seu peso, tamanho e valor no mercado da região. Por outro lado, o comprador pode discordar desse valor, não achar que seja justo o preço, principalmente se o peixe não foi pescado ali na *Tesoura*. Esse confronto faz parte do processo de negociação e é esperado pelas duas partes. Certa vez o pescador Joaquim me disse que os pescadores ali cobram um preço na primeira tentativa, que depois podem dar desconto, pois sabem que muitos clientes vão pechinchar.

Depois desses episódios citados e de refletir mais sobre a constituição do preço do peixe, procurei novamente o pescador Adriano para conversar sobre esse assunto. Afirmou que o preço é pelo tamanho, que tem tainha de dez reais, quinze, vinte e com ovas até quarenta reais (confirmando o que o pescador Carlos havia falado àqueles homens), geralmente os preços variam porque dificilmente se vende apenas um peixe (como mostrei nos exemplos anteriores), combinam vários peixes:

Se o cliente escolher três tainhas, por exemplo, uma vale R\$10,00 outra R\$20,00 outra R\$ 30,00, o valor final da compra seria de R\$ 60,00. Mas, esse valor cai no conjunto de peixes, vai ser arredondado pra R\$ 50,00. A combinação já existe para criar essa negociação, a combinação de peixes é uma estratégia nossa aqui, assim os dois lados se entendem. Um peixe compensa o valor do outro. (Pescador Adriano, julho de 2015)

Ainda completou que: *isso é pra agradar o cliente, igual consertar o peixe, agrada o comprador.* Esse é outro aspecto da venda, *consertar o peixe*, esse termo designa a ação de limpar o peixe. Quando o comprador solicita, alguns pescadores tiram as escamas, as tripas e se for do gosto do cliente, a cabeça e o rabo também. Faz parte das citadas estratégias.



Imagem 25 - Agradando o cliente no *conserto* dos peixes. Fotografia de Natália Perez, acervo NAUI

A *Tesoura* é um mercado informal de peixes. A negociação ali envolve muitos fatores, o valor agregado ao peixe é muito relevante, como citei, o fato do comprador poder assistir a pesca e o peixe estar

vivo conferem dimensões além da simplesmente monetária³². A relação estabelecida entre os pescadores e os compradores da e na *Tesoura*, no momento da negociação, se aproxima da categoria *barganha*, trabalha por Clifford Geertz (1978) ao estudar a economia informal com foco na busca de informações sobre os produtos comercializados nos bazares marroquinos. Segundo o autor, nesses tipos de estabelecimentos as informações são confusas e escassas, o comércio é informal e a *barganha* ultrapassa uma simples busca pelo menor valor, está ligada às características e qualidades dos produtos. Quanto mais informação o comprador possui, maior o poder de *barganha*. O que se aproxima das negociações na *Tesoura*. No caso dos compradores do pescador Carlos, ao questionarem as informações sobre a origem do peixe vendido, conseguiram maior poder na hora da *barganha*.

Segundo Geertz (1978:31) a *barganha* nos bazares marroquinos é um confronto multidimensional e de natureza intensiva. Sobre a multidimensionalidade o autor destaca que apesar da negociação do preço ser a parte mais explícita do processo, a essência da *barganha* abrange diversas dimensões além do valor monetário, como a quantidade, a qualidade, a forma de entrega, de pagamento, entre outras. Na *Tesoura* pelo fato de não haver uma regulação formal de preços e, no caso dos peixes não vivos, a falta de comprovação da origem, as dimensões não monetárias protagonizam o processo da *barganha*.

A natureza intensiva da *barganha* depende da possibilidade de se conseguir outras ofertas, ou seja, da pesquisa no momento da compra. No exemplo da venda do pescador Pepê, o fato da família não ter aceitado a primeira proposta e se dirigido a outro pescador intensificou o processo da *barganha*.

O comprador poderia ter ido à peixaria, visto até que o preço seria inferior, mas o peixe nesse estabelecimento não sai vivo direto da tarrafa para sua sacola. Importante lembrar que o comprador não negociou o preço com o pescador Adriano na hora de comprar o peixe vivo recém tirado da tarrafa, pois assistiu a pesca, e sabe exatamente a procedência. Essa é uma das dimensões do peixe barganhado da e na *Tesoura*. O fato de existirem peixes não vivos à venda intensifica o processo de *barganha*, pois o pescador com o peixe vivo sabe que o preço do não vivo será menor, portanto está mais disposto à *barganha*.

³² Meu foco não é aprofundar na reflexão e alcançar conclusões econômicas sobre a formação do valor da tainha na safra de 2015 na *Tesoura*, para isso a dissertação teria que tomar outros rumos.

Ao finalizar seu artigo sobre a *barganha* nos bazares de Marrocos, Geertz (1978:32) conclui que o intuito desse processo multidimensional e de natureza intensiva é a concretização da negociação de forma que ambas as partes do confronto (vendedor e comprador) fiquem satisfeitos com suas necessidades e com a sensação de terem realizado uma boa negociação. Essa conclusão do autor vai ao encontro à última fala do pescador Adriano, quando afirma que as estratégias são realizadas para que todos se entendam, o comprador com preços que o agrada e o pescador vendendo mais peixes.

Há outro tipo de negociação na *Tesoura*, a compra dos peixes pelos *bombeiros* (os atravessadores), normalmente eles aparecem no final do dia, por volta das 18 horas e arrematam os peixes que não foram vendidos. O preço é bem inferior ao desejado pelos pescadores quando negociam com os outros frequentadores. O pescador Joaquim me dizia que é triste vender aos *bombeiros*, pois o dinheiro quase não compensa, mas pelo menos vendem. Esses atravessadores nos finais de semana aparecem na *Tesoura* para venderem peixes, inclusive outros tipos além da tainha, porém não descem à areia, ficam na parte dos molhes. Eles possuem aparatos menos improvisados, como balança, e não vendem por unidade e sim por quilo. Constatei que os pescadores não ficam muito confortáveis com a presença dos *bombeiros*, mas sabem que pescar na frente dos frequentadores e vender peixes mais frescos é um atrativo que esses atravessadores não possuem. A coexistência desses dois tipos de vendedores intensifica ainda mais a relação de *barganha* estabelecida entre pescadores e frequentadores.



Imagem 26 - A venda de peixes feita pelos *bombeiros*, na parte superior da *Tesoura*. Fotografia de Natália Perez, acervo NAUI

A venda do peixe arremata um dia de pescaria. Portanto, faz parte do ofício da pesca artesanal com auxílio dos botos na *Tesoura* conseguir vender a produção do dia. Um trecho do diário de campo em que descrevo a conversa com os pescadores Marcio e Pepê pode ilustrar o desejo pela plena realização da atividade de pesca:

No final do dia vi Pepê indo embora de carro com Marcio e uma caixa cheia de peixe. Com ar de alegria falei pra eles que hoje pelo visto, foi um bom dia de pesca. Marcio rapidamente devolveu com tom de frustração:

- Dia bom é quando pesca e vende peixe!

Fiquei sem graça, dei um sorriso e comprei um peixe da caixa por cinco reais. Nos despedimos e falei que torço por dias melhores. (Diário de campo, 5 de junho de 2015)

A afirmação do pescador Marcio confirmou minha hipótese de que a venda do pescado é mais uma etapa da pesca artesanal com auxílio dos botos da e na *Tesoura*.



Imagem 27 - Peixes vivos recém *desmalhados* expostos e à venda. Fotografia da autora.



Imagem 28 - Peixes não vivos à venda (1). Fotografia da autora.



Imagem 29 - Peixes não vivos à venda (2). Fotografia da autora.



Imagem 30 - Negociações de peixe. Fotografia da autora.



Imagem 31 - A aglomeração em torno de uma tarrafa cheia. Fotografia da autora.

2.3 – OS ESPECTADORES DA *TESOURA*.

Como demonstrei no tópico anterior a comercialização é um momento de interação entre os pescadores e os frequentadores não pescadores na *Tesoura*. Quero retomar agora um trecho da fala do pescador Adriano: *a pessoa junto com o peixe leva também a oportunidade de ver esse espetáculo que é a pesca com boto*.

Escolhi retomar essa frase do pescador, pois demonstra como o caráter espetacular da pesca com auxílio dos botos está presente na *Tesoura*. A definição de espetáculo que me apoio é a mais próxima de uma peça teatral, no qual há um palco e cenário onde ocorre uma *performance* e uma platéia, lugar dos espectadores. Essa alusão à *Tesoura* me recorreu desde o início da pesquisa, em um dos meus primeiro registro no diário de campo, após o final de semana, está presente essa comparação:

No domingo pela manhã fui à *Tesoura* e me surpreendi com a quantidade de pescadores, mas ainda mais com a quantidade de pessoas que estavam assistindo a pesca. Estavam todas em pé olhando a pesca, assistindo os pescadores enfileirados segurando suas

tarrafas à espera do sinal do boto. Havia muita movimentação de botos. Percebi também que alguns pescadores estavam vendendo as tainhas ali mesmo, algumas pessoas que estavam assistindo também compravam peixes. Na hora que o pescador retirava a tarrafa da água com peixes, os espectadores se aproximavam e ali mesmo começava a negociação. Havia também peixes expostos.

Fiquei alguns minutos observando aquela cena, parecia um teatro. Até o formato físico geográfico lembra um teatro de arena, com o palco rebaixado da platéia. Percebi também que os pescadores estavam animados na água, alguns até dançavam, havia um som ambiente, que vinha de um churrasco do lado da água, embaixo da árvore, no qual estavam alguns pescadores que ficavam se comunicando com os que estavam na água, estavam zuando (fazendo jocosidades entre si) e bebendo.

(Diário de Campo, 10 de maio de 2015.)

Essas foram minhas impressões da *Tesoura* durante o meu primeiro final de semana, e a imagem de um teatro de arena não saiu mais das minhas reflexões. A cena que descrevi acima se repetiu por todos os finais de semana não chuvosos da temporada da tainha de 2015. E foi sendo reforçada cada vez mais, inclusive nas palavras dos próprios pescadores, como Adriano. O pescador Humberto, que tira férias do seu trabalho para pescar na *Tesoura*, também usou esse termo quando conversamos depois do término de suas férias. Durante seus intervalos de almoço se dirigia até lá apenas para observar, dizendo que não conseguia ficar longe daquele espetáculo.



Imagem 32 - Platéia e peixes. Fotografia da autora.



Imagem 33 - O início do espetáculo num domingo. Fotografia da autora.



Imagem 34 - Etapas do espetáculo (1). Fotografia da autora.



Imagem 35 - Etapas do espetáculo (2). Fotografia de Natália Perez, acervo NAUI

Chamo atenção para o trecho do diário citado, ao qual eu afirmo que os pescadores estavam animados na água, e até dançando. Isso foi comum nos finais de semana, os pescadores ficavam mais animados nesses dias. Sabiam que a quantidade de frequentadores aumentava e, conseqüentemente, venderiam mais peixes. A *performance* dos pescadores artesanais nesses dias chamava mais atenção, era diferente dos dias de semana.

Como *performance* utilizo a categoria em acordo à Richard Schechner (2006). É a atividade de um indivíduo em certa ocasião que serve para influenciar de alguma maneira outros indivíduos. São comportamentos previstos, ensaiados e restaurados. São específicos e singulares. Realizar uma *performance*, nesse caso, é “deixar as coisas feitas de acordo com um plano ou cenário específico.” (SCHECHNER, 2006:16)

No caso da *Tesoura* a presença dos frequentadores interfere no comportamento dos pescadores durante o final de semana, pois o caráter espetacular da pesca com botos agrega valor ao peixe, como visto anteriormente. Portanto, nessa ocasião, o desempenho da *performance* tem um objetivo de influenciar de alguma maneira o frequentador a comprar peixes. Esse é o plano específico naquele cenário. Schechner (2006:16) ainda afirma que as *performances* do cotidiano criam as realidades sociais que encenam. No caso da *Tesoura*, o desempenho dos pescadores reinventa a *arte de fazer* (CERTEAU, 1994) da pesca artesanal com botos em forma de espetáculo, para que a pesca atinja todas as suas etapas, ou seja, culmine também na venda dos peixes.

Dessa forma, se a *Tesoura* transforma-se em cenário inserida no espetáculo, é necessária a presença de espectadores, nesse caso, representados pelos frequentadores não pescadores.

Durante os finais de semana a presença desse grupo é bem maior. Diferente do grupo de pescadores dentre os espectadores há mulheres³³. Muitas famílias vão à *Tesoura*, com crianças e idosos. Há também, muitos casais jovens. Nesses dias a quantidade de carros e motos aumenta. As placas dos veículos variam de origem, a maioria não é de Laguna e sim de cidades vizinhas. Os Lagunenses que percebi são provenientes, na maioria, do bairro vizinho, o Mar Grosso. Como mostrei no primeiro capítulo (ver imagem 4), os Molhes da Barra fazem o limite sul da orla da praia do Mar Grosso. Dessa forma, muitos

³³ Questões de gênero podem balizar uma pesquisa na *Tesoura*, visto que a presença masculina é maciça na maioria dos dias. Porém, esse não foi meu foco de análises.

completam a caminhada na orla com uma passada para ver a pesca na *Tesoura*.

Outro grupo que também compõem os espectadores são os clientes dos restaurantes do outro lado do canal, no bairro Ponta das Pedras (restaurantes já citados no primeiro capítulo, ver imagem 4). Durante a travessia até os restaurantes é possível ter uma vista panorâmica dos pescadores e de dentro dos salões a visão é frontal ao paredão de pescadores à espera dos sinais dos botos.

Há outra presença marcando a diferença do final de semana para os dias úteis, e reafirmando ainda mais o espetáculo, é o carrinho vendendo bebidas e salgadinhos, os pescadores afirmaram ser a melhor caipirinha da cidade, realmente observei a grande quantidade de venda dessa bebida. Pude observar também, pessoas assistindo a pesca e comendo salgadinhos de milho, como se faz num cinema com pipocas, por exemplo. O carrinho também vende algodão doce, sempre há crianças comendo essas doçuras coloridas e encantando-se com os botos.

O som da *Tesoura* também se modifica nos finais de semana, além dos brados eufóricos dos espectadores ao ver um salto do boto, ou as palmas para uma tarrafa cheia de peixes, há também alguns carros com som no volume alto, churrascos em vários pontos dos molhes, alguns mais perto da *Tesoura*, com música alta e bebidas alcoólicas. O som da estratégia de venda de alguns pescadores, como Pepê chamando os espectadores para comprar peixes, também intensifica nesses dias.

A vestimenta dos espectadores é roupa de passeio usual e esportes, mas há várias pessoas mais arrumadas, mulheres maquiadas e de salto alto. Misturam-se na *Tesoura*, aparentemente, pessoas de vários extratos sociais, porém a maior presença é provavelmente dos extratos mais elevados da sociedade, percebi isso tanto pela vestimenta, quanto pelos carros estacionados. Lembrando também que o vizinho é um bairro nobre.

Foi usual escutar dos espectadores que aquele local é abençoado por Deus e proporciona um espetáculo divino, que a natureza ali foi muito generosa. Certa vez questionei um grupo de lagunenses, moradores da região central, se costumavam assistir a pesca em outros pontos da cidade, a resposta foi negativa, pois apenas ali se sentiam seguros, podiam deixar seus filhos correrem e brincarem a vontade, comprar peixes, caminhar, namorar e era garantido ver os botos. Pude perceber também, que algumas famílias frequentam a *Tesoura* todo fim de semana, depois de um tempo comecei a reconhecê-las.

Os turistas de fora da região de Laguna que conheci são dos estados do Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro. E todos afirmaram que procuraram Laguna justamente para ver o espetáculo da pesca artesanal com auxílio dos botos. Duas senhoras de São Paulo, irmãs, funcionárias públicas, disseram que há cinco anos passam quinze dias de suas férias em Laguna, hospedam-se na mesma pousada, no Mar Grosso, desde a primeira vez.

A família do Rio Grande do Sul estava a caminho de Florianópolis, mas pararam em Laguna para assistir a pesca. O casal carioca estava viajando pelo estado de Santa Catarina e desde o planejamento do trajeto incluíram uma parada para contemplar a pesca na *Tesoura*. Conheci também uma senhora gaúcha moradora do Mar Grosso. Essa senhora antes de morar ali, vinha durante a safra da tainha apenas para assistir a pesca, quando teve oportunidade mudou-se para Laguna e todo final de semana vai comprar peixe e ver o espetáculo, já é conhecida dos pescadores.

A presença de pessoas das cidades vizinha é grande também, percebido pelas placas dos automóveis. Conversei com um casal jovem de aproximados 25 anos que estava nas pedras do limite esquerdo da *Tesoura*, local com sombra privilegiado para assistir a pesca. Eles assavam peixe que haviam comprado dos pescadores. Vieram de moto da cidade de Tubarão para passar o domingo, namorar, assistir a pesca e os botos.

Entrevistando uma lagunense, funcionária da prefeitura, fora da *Tesoura*, questionei se ela estabelecia algum contato com a pesca e respondeu:

É corriqueiro pra nós (população de Laguna) ir ali aos molhes e assistir aquilo ali, que aos olhos de muitos é um verdadeiro espetáculo. Mas ainda sim, existe muito a prática da pesca, muitos homens durante o dia e principalmente nos finais de semana, que tem a pesca como hobby. Não apenas da nossa cidade, até de pessoas da região que no final de semana estão ali. E fora isso, ainda que a gente more aqui, tem muitas pessoas que no final semana, por exemplo meu pai, que pega o carro no final de semana e vai aos molhes só pra ficar observando aquele espetáculo do pescador

jogar a tarrafa. Muita gente compra o próprio peixe ali na hora. (Informante funcionária da prefeitura, junho de 2015)

Portanto, o grupo de espectadores é um misto de lagunenses e turistas da região ou mais distante. Que buscam contemplar a pesca artesanal com auxílio dos botos, passar momentos de lazer, de distração e muitas vezes comprar peixes.

Alain Corbin (1998) em seu, já citado, estudo sobre a relação do homem com o espaço da praia, conclui que a observação do trabalho dos pescadores artesanais nas praias já existe há séculos. Para o autor esses trabalhadores exercem uma atração bucólica ao indivíduo citadino e turista.

Vivificado pelo contato dos elementos, com o direito de esperar uma grande longevidade, fertilizado pela carne do peixe que consome, ligado por sentimentos de solidariedade ao grupo, habituado ao heroísmo pela frequência dos naufrágios costeiros, o trabalhador das praias tranqüiliza o citadino, que vê crescer nas cidades a contestação das hierarquias. Os estereótipos antigos reforçam a percepção idílica. (CORBIN, 1998:226)

Segundo esse autor é o imaginário tradicional em relação ao trabalhador do mar que exerce atração de outros grupos. Guardadas as diferenças temporais e espaciais com o estudo do autor, na *Tesoura*, pode-se acrescentar a esse imaginário a presença dos botos e o sincronismo dos movimentos entre pescadores e esses animais. Quando os espectadores referem-se ao local como abençoado e presente divino, estão reiterando o sentido idílico citado pelo autor.



Imagem 36 - Platéia e o carrinho de bebidas alcoólicas. Fotografia da autora.



Imagem 37 - Palco e platéia num domingo. Fotografia da autora.

Os espectadores fazem parte do cotidiano (CERTEAU et al., 2009) da *Tesoura* e estabelecem relações naquele local, tanto entre si, como o casal namorando, tanto com pescadores, não só na negociação, mas quando aplaudem e tiram fotos da *performance* (SCHECHNER, 2006). Essas relações são esferas, baseadas na heterogeneidade da *Tesoura*, que compõe o *mundo relacional* (AGIER, 1998, 2011).

A partir do pressuposto acima, e depois de apresentar algumas práticas e os atores sociais do cotidiano da e na *Tesoura*, no próximo capítulo pretendo demonstrar como os usos do espaço, conferem apropriação do mesmo e corroboram com as sociabilidades (FRÚGOLI JUNIOR, 2007).

CAPÍTULO 3 – A *TESOURA* COMO ESPAÇO PÚBLICO

Nesse capítulo pretendo trazer alguns conceitos dos estudos urbanos para subsidiar análises sobre os usos e apropriações da *Tesoura*. Com isso almejo demonstrar como essas práticas de usos e apropriações podem transformar o caráter público do espaço em privado.

3.1 - ESPAÇO PÚBLICO

Henry Lefebvre (1991) em seus estudos sobre cidades, através de um viés de orientação marxista, caracteriza o urbano a partir do processo de industrialização, baseado no *valor de uso* da mercadoria, ou seja, pautado no uso que se faz dela, fugidio e difícil de delimitar, ultrapassando a materialidade. Segundo o autor, urbano:

Não pode ser definido, nem como apegado a uma morfologia material (na prática, no prático-sensível) nem como algo que pode se separar dela. Não é uma essência a-temporal, nem um sistema entre os sistemas ou acima dos outros sistemas. É uma forma mental e social, a forma da simultaneidade, da reunião, da convergência, do encontro (ou antes, dos encontros). É uma *qualidade* que nasce das quantidades (espaços, objetos, produtos). É uma *diferença* ou, sobretudo um conjunto de diferenças. (LEFEBVRE, 1991:81) (grifos do autor)

Desse modo, o autor compreende o urbano baseado nas múltiplas relações de diferenças. Nessa perspectiva conceitua o espaço público enquanto um dos níveis topológico do urbano, constituída teoricamente por um sistema de oposições: público e privado. (LEFEBVRE, 2008:83). Pretendo mais a diante encarar a *Tesoura* através desse binarismo.

Acrescento às reflexões de Lefebvre (1991, 2008) a contribuição de Manuel Delgado (1999), quando esse autor afirma que o rural não é oposto ao urbano, enquanto forma de relações, nem sinônimo de cidade. Oposto ao urbano é uma forma de vida onde a morfologia social permite

uma estruturação clara de papéis e funções sócias. O urbano se opõe à cristalização de uma estrutura social (DELGADO, 1999:25).

A ideia de espaço público urbano que permeia minha dissertação está em constante movimento formado por um conjunto de diferenças (LEFEBVRE, 1991, 2008) que através das interações é reterritorializado e desterritorializado continuamente (DELGADO, 1999:46). É reterritorializado pelos pescadores artesanais durante o período da safra da tainha (maio a julho), por exemplo, e desterritorializado por eles fora desse período. As interações são adotadas aqui enquanto práticas (CERTEAU, 1994) e sociabilidades (FRÚGOLI JUNIOR, 2007). Dessa forma, posso aproximar minha interpretação da ideia contida no trabalho de Rogério Proença Leite (2007), num estudo de caso do espaço público em Recife - PE:

(...) uma noção de espaço público requer, para qualificar como *públicos* determinados espaços urbanos da vida contemporânea, uma inserção conceitual de mão dupla entre *espaço* e *sociabilidade pública*. Implica, portanto, relacionar dois processos interdependentes, que concorrem simultaneamente para uma única direção: a *construção social do espaço*, enquanto produto e produtor de práticas sociais; e a *construção espacial da sociabilidade pública*, enquanto produto e produtor das espacializações da vida social. (LEITE, 2007:196) (grifos do autor)

Sendo assim, é necessário associar os conceitos indicados pelo autor para alcançar a noção de espaço público enquanto construção e movimento. Minha hipótese é que as práticas sociais da e na *Tesoura* são produtos e produzem-na enquanto espaço social, concebendo sociabilidades públicas entre diferentes atores.

Leite (2007:200) adverte que o espaço público não existe *a priori*, deve-se entendê-lo como categoria analítica sociológica, formado por um conjunto de práticas e estruturado por ações que atribuam sentidos aos *lugares*. A *Tesoura* existe enquanto espaço físico, como descrito no primeiro capítulo, e seu acesso é público, porém só torna-se um espaço público no sentido conceitual e local de pesca, a partir das práticas do grupo heterogêneo de pescadores artesanais que conferem sentidos à praia da *Tesoura*. Bem como, pelas práticas dos outros frequentadores (grupo também heterogêneo) de assistir a pesca e

comprar peixes, que complementam o cotidiano (CERTEAU et al., 2009). Se o espaço público é movimento, é construção social, as práticas de usos e apropriações atribuem sentidos e são protagonistas nessa constante (re)elaboração e experiência dos sujeitos no espaço.

3.2 - OS USOS DA *TESOURA*

Para pensar nos usos do espaço público requer considerar os indivíduos, atores sociais, enquanto usuários do espaço. Essa perspectiva vai ao encontro com Delgado (1999:33), quando afirma que o urbano comporta usuários e não moradores ou residentes, nesse viés os espaços públicos são espaços *usados*.

Convém agora fazer uma breve explicação sobre *usos*. No capítulo anterior descrevi e analisei algumas práticas, por exemplo, o lazer, as negociações e comercialização de peixes. Práticas cotidianas são “esquemas de operações e manipulações técnicas” (CERTEAU, 1994:109) formando um conjunto de procedimentos. Os *usos* são modalidades dessas práticas cotidianas que tiram proveito de algo, são maneiras de utilizar, de “fazer com”. O emprego desse termo é ambíguo e próximo à ideia de consumo (CERTEAU, 1994:93). A ambigüidade deve ser ponderada. Para os fins dessa dissertação, emprego o termo enquanto *maneiras de fazer com*. Dessa forma, analiso algumas práticas cotidianas enquanto *usos da e na Tesoura*. Porém, não quero perder de vista à relação do *uso* e do consumo. No caso de uma pesquisa sobre espaço público urbano, a proximidade e relação entre uso e consumo podem ser vista sob a ótica da apropriação simbólica. Os usos da e na *Tesoura* geram apropriações daquele espaço, atribuindo sentidos.

Por exemplo, os pescadores usam a *Tesoura*, além da pesca e da comercialização, também para remendarem e produzirem suas *artes de pesca*, como tarrafas e redes. Foi recorrente eles usarem o espaço da areia para esse fim. Amarram linhas em um arbusto ou em um pedaço de madeira fincado na areia, esticam-nas e começam o trabalho. Utilizam uma agulha especial para isso e sempre mais de um pescador se envolve nessa ação, segurando uma ponta, ou ajudando a contar os nós. Tal *uso* confere uma apropriação que nesses momentos atribui um sentido de ateliê de *artes de pesca* à praia da *Tesoura*.



Imagem 38 - Confeccionando *artes de pesca* (1). Fotografia de Ayla Figueiredo, acervo NAUI.



Imagem 39 - Confeccionando *artes de pesca* (2). Fotografia de Ayla Figueiredo, acervo NAUI.

Durante os dias de semana, por volta do meio dia, chega à *Tesoura* um motoboy entregando marmitas, a maioria dos pescadores sai da água e o cenário do local se transforma. Os pescadores se acomodam na areia, nos bancos de concreto e na grama, mantendo uma proximidade entre eles. Algumas vezes compartilham e assam peixes na areia em uma churrasqueira improvisada com pedras, para complementarem as refeições. Dessa forma, na hora do almoço dos dias úteis, o *uso* que fazem do espaço é concebido como um refeitório. Nos finais de semana, por conta dos espectadores, essa movimentação é mais discreta e não saem todos ao mesmo tempo da água. O *uso* do espaço como espetáculo não pode parar e sobrepõe ao *uso* de refeitório.



Imagem 40 - Hora do almoço. Fotografia de Ayla Figueiredo, acervo NAUI.



Imagem 41 - Churrasqueira improvisada. Fotografia da autora.

Os espectadores também usam a praia da *Tesoura*, principalmente com a finalidade de assistir a pesca artesanal com auxílio dos botos, tal uso pode ser abarcado no âmbito do lazer. Assim como os churrascos, bem recorrentes nos finais de semana e os usos das crianças, de brincarem na areia, de bola e de correr.

Vi excursão de escolas usando a praia com o fim didático. Esse uso também foi percebido nos grupos de universitários de núcleos de pesquisa relacionados à engenharia de pesca e biologia, respectivamente da Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC) e da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Para fins científicos realizaram observações, inclusive por água, com a lancha da Polícia Ambiental passaram duas vezes tirando foto e olhando atentamente os movimentos dos botos.



Imagem 42 - Excursão escolar. Fotografia de Ayla Figueiredo, acervo NAUI.

Alguns espectadores sejam famílias, casais, grupos de amigos, ou pessoas sozinhas usam a *Tesoura* também para caminhar e às vezes estendem os passos por toda a extensão dos Molhes da Barra. O ato de caminhar:

É um processo de *apropriação* do sistema topográfico pelo pedestre (assim como o locutor se apropria e assume a língua); é uma *realização* espacial do lugar (assim como o ato de palavra é uma realização sonora da língua); enfim, implica *relações* entre posições diferenciadas, ou seja, “contratos” pragmáticos sob a forma de movimentos (assim como a enunciação verbal é “alocução”, “coloca o outro em face” do locutor e põe em jogo contratos entre colocutores). (CERTEAU, 1994:177)

Dessa forma, o autor formula o caminhar como uma *enunciação pedestre* do espaço. Seria mais uma das formas de usar e conceber o espaço, de apropriar-se dele, pois se inscrevem no mesmo através de seus passos e percursos elegidos.

Quero relatar agora, através de um trecho do diário de campo, um tipo de uso recorrente realizado por casais:

Já estava indo embora, o sol se pondo coloria o céu. Não havia mais nenhum espectador na areia, e apenas quatro pescadores na água, quando chegou um casal jovem num carro popular, estacionaram na parte de cima dos molhes bem próximo da parte principal da *Tesoura*. Desceram ao nível da areia, o rapaz carregando uma garrafa e duas taças de plástico, quando identifiquei esses objetos eu estava indo embora e decidi ficar, sentei nos bancos pra ver o que ia acontecer. Eles chegaram bem perto da água, ela apontou para os pescadores, eles abriram a garrafa, parecia champanhe, encheram as taças que pareciam de plástico, brindaram e ele ajoelhou e fez o gesto de pedido de casamento. Ela sorriu, ele levantou e se abraçaram. Pensei em abordá-los, mas achei muito particular o momento e não o fiz. Fiquei mais alguns minutos, eles ficaram o tempo todo olhando a pescas bebendo e abraçados. Fui embora com ar de romance. (Diário de Campo, 20 de maio de 2015)

Essa passagem denota um momento de lazer e namoro explícito, percebi durante a pesquisa que muitos casais usam o espaço da *Tesoura* para esse fim, de namoro. Como o casal que citei no capítulo anterior, que assava um peixe e disse que foi ali namorar. É um uso recorrente esse, que configura um espaço de romance, conferindo outro significado à *Tesoura*. É uma apropriação dos casais espectadores.



Imagem 43 - Passeio de casais. Fotografia da autora.



Imagem 44 - Casal e outros espectadores assistindo a pesca desde a área gramada no canto esquerdo da *Tesoura*. Fotografia da autora.

Foi recorrente nos finais de semana a presença de algumas famílias dos pescadores, como a do pescador Joaquim. Levam cadeiras de praia, guarda-sol, petiscos e cerveja. Algumas vezes fizeram churrasco e juntaram com outras famílias, como as esposas dos pescadores Geraldo e Adriano. Essas práticas conotam *uso* da *Tesoura*

para fins de interação com e entre as famílias. Apropriam-se do espaço como quintal das próprias casas.

3.3 - APROPRIAÇÕES

Apropriar-se de algo é tomar posse, ter propriedade, no espaço público isso ocorre de forma simbólica, gerando códigos e significados. Em acordo com José Guilherme Cantor Magnani (1993, 1996, 2003) a apropriação simbólica acontece quando, nas relações espaciais, estabelecem-se sinais de reconhecimento, vínculos e demarcação do espaço, servindo de referência para um grupo diversificado ou não de frequentadores e/ou usuários. Pois, essas apropriações:

são resultados de rotinas cotidianas, ditadas por injunções coletivas que regulam o trabalho, a devoção, a diversão, a convivência e que deixam suas marcas no mapa da cidade. O resultado é um desenho bastante particular e que se sobrepõe ao desenho oficial da cidade: às vezes rompe com ele, outras vezes o segue, outras ainda não tem alternativa senão adequar-se. (MAGNANI, 1993:13)

Dessa forma, as análises dos usos e das práticas recorrentes são indispensáveis para atingir quais apropriações, nem sempre previstas oficialmente, ocorrem em determinados espaços públicos. Como ressaltado pelo autor, essas apropriações simbólicas podem redesenhar os espaços da cidade.

O uso realizado pelos turistas é uma prática esperada pela Prefeitura e pelos pescadores. É recorrente, como citado, turistas de várias regiões procurarem a *Tesoura*. Há, portanto, uma apropriação que segue o desenho oficial da cidade, a do turismo, inclusive é explorada pelo poder público, com propagandas, placas e anúncios da pesca artesanal com auxílio de botos. O uso turístico pode ser visto como continuidade do turismo no Mar Grosso, vizinho da *Tesoura*, como demonstrado no primeiro capítulo, esse bairro teve toda sua história de urbanização voltada para esse segmento.

Mas, há também aquelas apropriações que se adaptam e sobrepõem, como, por exemplo, a prática da *marcação* dos pescadores artesanais na *Tesoura*, levando-os à apropriação simbólica das águas daquela praia e ainda (re) configurando-as. Bem como, os espectadores que se apropriam do espaço, uma apropriação de lazer, e ainda redesenham a *Tesoura* na forma de teatro de arena.



Imagem 45 - O teatro de arena. Fotografia da autora.

Magnani (1993, 1996, 2003) cunhou categorias de apropriações do espaço público: *pedaço*, *mancha*, *pórtico* e *circuito*. No caso dessa pesquisa a categoria que me auxiliou nas análises das apropriações da *Tesoura*, foi a de *pedaço*, que pressupõe compartilhamento de códigos de reconhecimento entre seus frequentadores. Constitui uma experiência concreta de sociabilidade e requer presença regular dos usuários desse espaço entre o público e o privado. Todos se reconhecem e sabem quem é do *pedaço*.

O termo na realidade designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade. (MAGNANI, 2003:116).

Importante ressaltar que a *Tesoura* não é um bairro, ou um espaço de vizinhança, onde todos se conhecem. Houve dias com mais de 52 pescadores na praia, certamente nem todos eles se conheciam de fato. Ao tratar dessa categoria no centro da cidade, o autor reitera:

A diferença com a ideia do pedaço tradicional, aquele encontrado no âmbito da vizinhança, é que aqui os frequentadores não necessariamente se conhecem – ao menos não por intermédio de vínculos construídos no dia-a-dia do bairro – mas sim se reconhecem enquanto portadores dos mesmos símbolos que remetem a gostos, orientações, valores, hábitos de consumo, modos de vida semelhantes. (MAGNANI, 1993:9).

A partir dessa perspectiva o questionamento foi em relação aos frequentadores não pescadores da *Tesoura*. No pedaço há uma “lógica particularizante que agrupa os semelhantes e distingue claramente os de fora” (MAGNANI, 1993:13). Essa distinção, pressuposta no *pedaço*, é clara na *Tesoura*, além das roupas e das atividades exercidas a diferença também está na motivação de estar no local. Os espectadores, como demonstrado, estão lá para assistir o espetáculo da pesca com auxílio dos botos e comprar peixes, especialmente vivos, enquanto os pescadores estão ali para pescar e vender os peixes. Dessa forma, esses “de fora” do *pedaço* fazem parte da dinâmica e são esperados pelos que são do *pedaço*, para que atividade seja completa e realizada com sucesso. No trecho diário de campo, citado no capítulo anterior, no qual descrevo a conversa com o pescador Marcio, ele afirma que *dia bom é quando pesca e vende peixe*. Isso ilustra, mais uma vez, essa plena realização da pesca que me refiro. A negociação do peixe denota usos com fins comerciais, e esses, por sua vez, também sustentam apropriações relacionadas à categoria *pedaço* (MAGNANI, 1993, 1996, 2003).

Outra fala, também citada no capítulo anterior, pode conotar a apropriação do *pedaço* pelos pescadores. É quando o pescador Geraldo afirma que expulsou o rapaz que só roubava, chamado por ele de *boto ruim*, e completa: *aqui é lugar de pescador trabalhador*. Segundo esse pescador, o rapaz em questão não compartilhou dos valores que regem a *Tesoura*, pois para ser do *pedaço* é preciso compartilhar os mesmos “símbolos que remetem a gostos, orientações, valores, hábitos de consumo, modos de vida semelhantes” (MAGNANI, 1993:9). Nas

minhas palavras, substituo a frase do pescador Geraldo por: a *Tesoura* é um *pedaço* dos pescadores trabalhadores.

3.3.i - Público e privado

O acesso às águas da *Tesoura* é legalmente público, não existe uma interdição no sentido jurídico legal de nenhum pescador na praia, mas quando o sistema de revezamento, ou aquela regra de *marcação* extinta baseada no estado civil entra em ação, o acesso deixa de ser livre e poderia acarretar castigos físicos, como afirmou pescador Carlos no capítulo anterior. O espaço, nessa perspectiva, é mais privado do que público.

Heitor Frúgoli Junior (1995) ao pesquisar os espaços públicos e interações sociais na cidade de São Paulo percebeu que esse tipo de apropriação, que transforma o caráter público em privado, pode gerar episódios de violência:

(...) tais atividades [que] acabam por subverter em parte a destinação pública igualitária da cidade, na medida em que criam uma espécie fluente de apropriação privada do espaço público, demarcando-o com regras “subterrâneas” de “posse” do “ponto”, lideranças, alianças internas e externas, voltadas para uma “regulamentação informal” das relações de trabalho. São códigos cambiantes e até certo ponto “invisíveis”, permitindo, em certos casos, interpretações diferenciadas, e, por isso mesmo, supondo a prática da violência em situações-limites, quando não se legitima frente alguns dos que dele participam, ou quando tal código entra visivelmente em choque com o poder público.

Da perspectiva de um acesso igualitário ao espaço público, num sentido radical, a lógica de ocupação do espaço por tais redes também reproduz, de certa forma, um princípio não democrático, incluindo relações e proteção, hierarquização, controle opacidade e violência, ainda que se possa compreender por que tais organizações se formam. (FRÚGOLI JUNIOR, 1995:41)

O autor refere-se a apropriações ligadas às relações de trabalho, como é o caso da *Tesoura*. Quando do descumprimento das regras de revezamento e apropriação do espaço para pesca há interdição e no limite violência. Como citado no capítulo anterior, conflitos em torno dessa questão são recorrentes.

O binarismo público e privado é pensado desde Lefebvre (2008) e é frutífero no caso da *Tesoura*. Roberto DaMatta (1991), ao pesquisar espaços da *casa* e da *rua*, também contribui para minha reflexão. Para esse último autor é necessário um sistema de contraste para “tempo e espaço serem concretizado e sentidos como coisas”, (DAMATTA, 1991:41). Dessa forma, é frutífero, para esse trabalho, o emprego do contraste: espaço público e espaço privado.

Para elucidar melhor a ideia de que o espaço carrega mudanças de comportamento circunstâncias, e não simplesmente mudança de contextos, o autor compara esse fato com o comportamento humano de mudar de opinião dependendo das circunstâncias.

Não é desse fato universal que estou falando [mudanças circunstanciais de opinião]. Sei que ele também ocorre entre nós; mas estou me referindo a espaços, a esferas de significação social - casa, rua e outro mundo - que fazem mais do que separar contextos e configurar atitudes. É que eles contêm visões de mundo ou éticas particulares. Não se trata de cenários ou de máscaras que um sujeito usa ou desusa - como nos livros de Goffman - de acordo com suas estratégias, diante da "realidade", mas de esferas de sentido que constituem a própria realidade e que permitem normalizar e moralizar o comportamento por meio de perspectivas próprias. Sustento, então, que, embora existam muitos brasileiros que falem uma mesma coisa em todos os espaços sociais, o normal - o esperado e o legitimado - é que casa, rua e outro mundo demarquem fortemente mudanças de atitude, gestos, roupas, assuntos, papéis sociais e quadro da avaliação em todos os membros de nossa sociedade. O que se espera não é um conduta única nos três espaços, mas um comportamento diferenciado de acordo com o ponto de vista de cada uma dessas esferas de significação. Nessa perspectiva, as diferenciações

que podem encontrar são complementares, jamais exclusivas ou paralelas. (DAMATTA, 1991:53)

Dessa forma, é possível analisar os espaços a partir desses três códigos não excludentes: a *casa*, a *rua* e o *outro mundo*. O autor ainda conclui que se há uma zona neutra seria o *outro mundo*, o da renúncia ritualizada das contradições. Pois, a *casa* é o código dos laços familiares, pessoais, o lugar do privado; a *rua* dos mecanismos impessoais, da individualização, lugar do público. Misturar os códigos da *casa* e da *rua* no mesmo espaço gera conflitos e confusão (DAMATTA, 1991:56). O que se aproxima dos embates citados por Frúgoli Junior (1995) anteriormente, e do exemplo da *marcação* dos pescadores artesanais. Constatei outros conflitos causados pela fusão dos códigos de público e privado.

Na hora do almoço, entre o meio dia e às catorze horas e depois das dezoito horas, é comum sentir cheiro de maconha no ar. Algumas pessoas nesses horários se dirigem à praia com o fim de usar o espaço para fumar maconha, o fazem na parte gramada, que fica mais perto do *recurso* e da primeira *vaga*. Certa vez, estava conversando com os pescadores Adriano e Gabriel no fim de um dia, os dois estavam se arrumando para ir embora e sentimos o cheiro de maconha no ar. Foi quando o pescador Adriano disse com tom de irritado: *Odeio esse negócio, essa fumaça me faz mal*. E o pescador Gabriel completou:

Essa história deles virem fumar maconha é ruim, a gente já falou pra eles não ficarem ali do lado das vagas, mas eles disseram que o lugar é público. Eu falei que sei disso, mas que é nosso lugar também. Eles riam e não obedeceram a gente. Eu que tive que sair da minha vaga. Teve um dia que ficaram ali do lado tossindo tanto, e aquela fumaça atrapalhando a gente. (Pescador Gabriel, julho de 2015)

Pescador Adriano, ainda com jeito de irritado:

Tem gente que vem aqui fazer de tudo errado, usar droga, beber demais e depois deixam esse nosso espaço tudo sujo, a noite

aqui vira motelzinho, todo mundo sabe. Tem vezes que eu chego de madrugada pra guardar a vaga e num posso nem descer porque tem gente aqui embaixo fazendo essas coisas. É complicado isso porque a gente na época da tainha domina aqui e esse pessoal não respeita. (Pescador Adriano, julho de 2015)

Essas duas falas deixam bem evidente a apropriação privada que os pescadores fazem da *Tesoura*, remetendo ao domínio do *pedaço* (MAGNANI, 1993, 1996, 2003). Eles assumem que o acesso é público do lugar, mas exigem que todos os frequentadores acatem suas regras. Quando o pescador fala que *não obedeceram a gente*, é porque acredita que durante a safra da tainha eles mandam no lugar. Pois o verbo obedecer é o acato do verbo mandar. Há, dessa forma, um embate causado pela sobreposição do privado, da *casa*, no espaço público, da *rua*.

A relação e interação dos pescadores com os *bombeiros* (intermediadores da comercialização dos peixes, atravessadores) são mais umas formas de demonstrar a apropriação do espaço pelos pescadores de modo a conotar a ambiguidade público e privado, e reiterar a categoria de *pedaço* (MAGNANI, 1993, 1996, 2003). Pois, a presença desse grupo “de fora”, paralelo aos pescadores, é bem vinda apenas para resolver a questão no fim do dia, da não comercialização do peixe, para arrematarem o que não foi vendido. Mas, quando eles aparecem para vender o peixe nos finais de semana, causam um desconforto. Ouvi uma vez o pescador Humberto dizer que “*eles vem concorrer com a gente no lugar da gente*”. Ou seja, o pescador simboliza uma apropriação privada do espaço, ao ponto de condenar a prática dos *bombeiros* e deixar claro que não gosta de dividir o mesmo espaço público, confundido muitas vezes como uma extensão da *casa*.

As diferenças no espaço público são previstas como apontei em vários autores e ainda, os dissensos e conflitos não desconfiguram enquanto prerrogativa política, na verdade esses aspectos o avivam.

O sentido público dos espaços urbanos resulta também da confluência de diferentes *lugares* e sociabilidades que instalam possibilidades de contestação e discordância, cuja igualdade de fala é constantemente desafiada. A sociabilidade

pública, nesse sentido, compreende tanto as práticas interativas através das quais as pessoas compartilham experiências comuns quanto a afirmação das suas diferenças através da espacialização das suas relações sociais, construídas a partir das distintas demandas e sentidos de pertencimento e reconhecimento. Assim, faria sentido pensar na concepção do *espaço público* também a partir da constituição dessas diferenças, que não apenas se espacializam nos *lugares* como criam uma dinâmica interativa através da qual dialogam entre si, no exercício cotidiano e público da afirmação da alteridade e das relações de poder que reafirmam e contestam desigualdades. (LEITE, 2007:317/318)

Sendo assim, as questões que geram conflitos na *Tesoura*, e que de alguma forma, mesclam as apropriações públicas e privadas, não deixam de reiterar aquele *lugar* enquanto espaço público.

3.4 - *TESOURA*: LUGAR ANTROPOLÓGICO

Até agora analisei os usos, práticas e apropriações da e na *Tesoura* que conferem sentidos a esse espaço público. Contudo quero ir além e pensá-la através do conceito de *lugar antropológico* cunhado por Marc Augé (1994) em seus estudos na antropologia da supermodernidade. Primeiramente, serão necessárias para esse diálogo, as contribuições de Certeau (1994) quando o autor faz uma distinção entre *lugar* e *espaço*.

Existe *espaço* sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. Em suma, o *espaço é um lugar praticado*. Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é

transformada em espaço pelos pedestres. Do mesmo modo, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar constituído por um sistema de signos – um escrito. (CERTEAU, 1994: 202)

O *espaço*, como compreende Certeau (1994), é um produto da ação sobre o *lugar*. As ações que constroem o *espaço* são uma série de práticas, relações e sociabilidades. A *Tesoura* é um *lugar*, mas, além disso, durante o período da safra da tainha, é construída simbólica e concretamente como *espaço*, como *lugar praticado* (CERTEAU, 1994), de sociabilidades e pesca artesanal.

Refletindo através da contribuição de Augé (1994), o *espaço* é um *lugar antropológico*.

Reservamos o termo “lugar antropológico” àquela construção concreta e simbólica do espaço que não poderia dar conta, somente por ela, das vicissitudes e contradições da vida social, mas à qual se referem todos aqueles a quem ela designa num lugar, por mais humilde e modesto que o seja. É porque toda antropologia é antropologia da antropologia dos outros, além disso, que o lugar, o lugar antropológico, é simultaneamente princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para quem observa. O lugar antropológico tem escala variável. (AUGÉ, 1994:51)

Essa descrição de *lugar antropológico* apresenta um lugar construído, investido de ações e que pode comportar muitos sentidos atribuídos, legitimando análises sobre o mesmo.

No segundo capítulo, quando aproximei os espectadores ao homem citadino, que vai à praia também pra ver o trabalhador do mar, busquei atingir um dos sentidos atribuídos por esses homens à *Tesoura*. Através da inteligibilidade que percebo nesse *lugar antropológico*, formulo a hipótese de que um dos sentidos é a busca pelo contato com o exótico, com o diferente. No caso aqui estudado, os diferentes são homens que pescam com auxílio dos botos.

Minhas análises revelaram os vários sentidos da *Tesoura*, como lazer, pesca artesanal, trabalho, contato com outro diferente e espetáculo. Em uma escala variável (AUGÉ, 1994) alguns sentidos são

mais perceptíveis e inteligíveis que outros, como a atribuição de lugar de pesca artesanal.

Todos esses sentidos atribuídos à *Tesoura* conotam apropriações diferentes e atores sociais distintos, que coexistem nesse *lugar antropológico* (AUGÉ, 1994). Tal coexistência implica em compartilhamento de códigos e significados em escala de interações e sociabilidades.

Assim, acredito que não somente mostrei o que é a *Tesoura*, mas também como os atores sociais através das práticas, *usos* e apropriações produzem um lugar de sociabilidade. No qual a pesca artesanal e o peixe são vínculos que conectam esses atores sociais do e no *lugar antropológico*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Tudo que não invento é falso.
(Manuel de Barros, 1996:67)*

Mais do que apresentar os pescadores artesanais e demonstrar o cotidiano (CERTAU et al., 2009) da pesca artesanal com auxílio dos botos na e da *Tesoura*, a presente dissertação objetivou investigar como as práticas cotidianas (CERTEAU, 1994) e as sociabilidades (FRÚGOLI JUNIOR, 2007) dos diferentes atores sociais envolvidos, emergem dessa tradicional atividade pesqueira e constroem socialmente o espaço público daquela praia.

Através da investigação histórica constatei a importância dos Molhes da Barra, onde está inserida a *Tesoura*, para o desenvolvimento da cidade. A construção desses molhes possibilitou, também, a expansão das atividades pesqueira, do turismo e do lazer em Laguna. Outra constatação foi o viés moderno e nobre do crescimento urbanístico do Mar Grosso, vizinho da *Tesoura*. A presença da pesca artesanal e a nobre vizinhança fizeram do local da minha pesquisa uma ligação entre dois mundos, o tradicional e o moderno.

Ao apresentar os outros pontos de pesca artesanal com auxílio dos botos em Laguna, e compará-los à *Tesoura*, revelei que diferenças como acesso, segurança, aspectos geográficos, comercialização de peixes entre outras, são possíveis razões que levam diferentes frequentadores aquele local durante a safra da tainha, e conferem reconhecimento oficial, materializado pela estátua do boto. A *Tesoura* é um referencial para a cidade, gera mais visibilidade e complementa o circuito do turismo da região.

Demonstrei a articulação de diferentes atividades em torno da pesca artesanal, como a comercialização dos peixes, a observação dos espectadores e a organização sócio-espacial dos pescadores. Contudo, não é apenas uma justaposição de atividades, pois colocam em relação os atores sociais da e na *Tesoura*. São dois grupos heterogêneos de frequentadores durante a temporada da safra da tainha: os pescadores artesanais e os espectadores. Esses interagem, como apresentado, inseridos no *mundo relacional* (AGIER, 1998, 2011) que aquela praia se transforma no referido período.

A heterogeneidade do grupo de pescadores artesanais do local foi analisada de forma que demonstrasse como as diferenças são trabalhadas dentro do grupo. Através da prática social da *marcação* (MALDONADO, 1994), organização sócio-espacial em *vagas, vezes* e

equipes, os pescadores se relacionam e reorganizam suas diferenças e conflitos, na intenção de proporcionar benefícios para o grupo, como maiores quantidades de peixes capturados e vendidos. A comercialização de peixes completa as etapas da pesca artesanal com auxílio dos botos da e na *Tesoura*. Proporcionando uma plena realização da atividade pesqueira.

O grupo de espectadores também é heterogêneo, são lagunenses e turistas que buscam o local com o propósito de assistir ao espetáculo da pesca e/ou comprar peixes. Estabelecem relações entre si e com o grupo de pescadores. A *performance* (SCHECHNER, 2006) dos pescadores artesanais reinventa o cotidiano da pesca artesanal com auxílio dos botos da e na *Tesoura*, agrega valor aos peixes e pode convencer os espectadores a comprá-los. Assim, o peixe capturado pelas tarrafas e à venda, transforma-se no vínculo entre os dois atores sociais da e na *Tesoura*, o pescador e o espectador do espetáculo, possibilitando as sociabilidades entre eles.

Demonstrei que as práticas cotidianas de usos (CERTEAU, 1994) do espaço, realizadas pelos pescadores, como usos de refeitório e de comercialização, atribuem sentidos e (re) elaboram a experiência desses atores sociais na *Tesoura*. Da mesma maneira, os usos dos espectadores de lazer, de caminhada, de romance entre outros. As sociabilidades e as práticas cotidianas, por meio dos sentidos e apropriações simbólicas, constroem socialmente aquela praia enquanto espaço público.

Os pescadores se apropriam simbolicamente do espaço da *Tesoura*, através dos usos e outras práticas sociais recorrentes, como a *marcação*, por exemplo. Algumas vezes o caráter público do espaço é confundido com o privado, tal aproximação gera alguns conflitos. Dialogando com a categoria *pedaço* (MAGNANI, 1993, 1996, 2003) analisei as apropriações simbólicas do espaço feitas pelos pescadores. Pude concluir que a *Tesoura*, durante o período da safra da tainha, é um *pedaço* do pescador artesanal.

A presença de diferentes atores sociais e a articulação de diversas atividades integra o cotidiano da e na *Tesoura*, composto por um conjunto de procedimentos, organizações, relações e sociabilidades. Dessa forma, a *Tesoura* torna-se um *lugar praticado* (CERTEAU, 1994), de pesca e sociabilidades. E pode ser analisado enquanto *lugar antropológico* (AUGÉ, 1994).

REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. Lugares e redes: as mediações da cultura urbana. In: NIEMEYER, Ana Maria de; GODOI, Emília Pietrafesa de (Org.). *Além dos territórios*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

AGIER, Michel. *Antropologia da Cidade: Lugares, Situações, Movimentos*. Tradução de Graças Índias Cordeiro. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares. Introdução a uma antropologia da modernidade*. Campinas: Papirus, 1994.

BARROS, Manoel de. *Livro sobre nada*. 3ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

CADORIN, Aldicio. *Laguna Terra Mater – Dos Sambaquis à República Catarinense*. Blumenau: Nova Letra, 2003.

CALDERIPE, Márcia. *Pesca e Sazonalidade no Camacho /SC: Um estudo de modos de vida e deslocamento*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2001.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: _____. *O Trabalho do antropólogo*. 2 ed. São Paulo: Editora UNESP, 2000. p. 17-35.

CASTELLS, A. N. G.; ARAUJO IINO, Fátima Satsuki. *Educar, Documentar e Valorizar: Pesca Artesanal com Auxílio dos Botos em Laguna*. 1. ed. Laguna: da autora, 2015.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

CORBIN, Alain. *O Território do Vazio: a praia*. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras. 1989.

COSTA, Gustavo Marangoni. *Entre contrabando e ambigüidades: outros aspectos da República Juliana Laguna/SC - 1836-1845*. Dissertação apresentada no Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2006.

DALL' AGNOL, Sandra. Laguna/SC como destino turístico: impactos do Turismo e atitude dos residents. In: *Anais do VI Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul. Saberes e fazeres no turismo: interfaces*. 2010. Caxias do Sul. Universidade de Caxias do Sul, 2010.

DAMATTA, Roberto. *A casa & a rua*. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan. 1991.

DELGADO, Manuel. *El animal público. Hacia una antropología de los espacios urbanos*. Barcelona: Anagrama, 1999.

DIEGUES, Antônio Carlos. *Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar*. São Paulo: Ática. 1983.q

ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Premissas para o estudo da memória coletiva no mundo urbano contemporâneo sob a ótica dos itinerários de grupos urbanos e suas formas de sociabilidade. *Revista Margem Tecnologia, Cultura EDUC- FAPESP*, São Paulo, n, 8, p. 243 - 259, 1998.

ELÍBIO, Soraya Vieira. *Trajetórias de Desenvolvimento: Porto de Laguna e Porto de Imbituba*. Monografia submetida ao Departamento de Ciências Econômicas. Universidade Federal De Santa Catarina. Florianópolis, 2005.

FRÚGOLI JR, Heitor. *São Paulo: espaço público e interação social*. São Paulo: Marco Zero, 1995.

FRÚGOLI JR, Heitor. *Sociabilidade Urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2007.

FURTADO, Lourdes Gonçalves. *Pescadores do rio Amazonas*. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, 1993.

GEERTZ, Clifford. The Bazaar Economy: Information and Search in Peasant Marketing. *The American Economic Review*. American Economic Association, v. 68, n. 2, p. 28-32, 1978.

GIUMBELLI, Emerson. Para além do “trabalho de campo”: reflexões supostamente malinowskiana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, v. 17, n. 48, 2002

GODOLPHIM, Nuno. A Fotografia como Recurso Narrativo: problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre UFRGS, n. 2, p. 161-185, 1995.

GOULART FILHO, Alcides. A lenta trajetória da construção do Porto de Laguna. *História Econômica & História de Empresas*, Niterói, v. 1, p. 83-116, 2007.

LEFEBVRE, Henri. *O Direito À Cidade*. 1 ed. Tradução de Rubens Frias. São Paulo: Editora Moraes, 1991.

LEFEBVRE, Henri. *A Revolução urbana*. Tradução Sérgio Martins. Belo Horizonte: Editora UFMG., 2008.

LEITE, Rogério Proença. *Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea*. 2ed. Campinas: Editora da UNICAMP, Aracaju: Editora UFS, 2007.

LACERDA, Eugenio Pascele. *O atlântico açoriano: uma antropologia dos contextos globais e locais da açorianidade*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2003.

LUCENA, Liliane Monfardini Fernandes. *Laguna: de ontem a hoje espaços públicos e vida urbana*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 1998.

MALDONADO, Simone. *Pescadores do Mar*. Editora Ática: São Paulo, 1986.

MALDONADO, Simone. *Mestres e Mares. Espaço e Indivisão na pesca marítima*. 2 ed. São Paulo: Annablume. 1994.

MAGNANI, J. G. Cantor. Rua, símbolo e suporte da experiência urbana. Versão revista e atualizada do artigo A rua e a evolução da sociabilidade, originalmente publicado em *Cadernos de História de São Paulo* 2, Museu Paulista- USP jan/dez 1993. Disponível em: <http://nau.fflch.usp.br/sites/nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/rua_simbolo%20e%20suporte%20da%20experiencia%20-%20magnani.pdf> Acesso em 10 dez.2016.

MAGNANI, J. G. Cantor. Quando o Campo é a Cidade: Fazendo Antropologia na Metrópole. In: MAGNANI, J.G.Cantor; TORRES, Lilian de Lucca (Org.). *Na Metrópole: Textos de Antropologia Urbana*. São Paulo: Editora da USP, 1996. p.12-53.

MAGNANI, J. G. Cantor. *Festa no Pedacço: Cultura Popular e Lazer na Cidade*. 3 ed. São Paulo: Hucietec. 2003

OLIVEIRA, Laércio Vitorino de Jesus. *Memórias e Experiências: aspectos culturais irrenunciáveis de comunidades do entorno da Laguna - 2000 à 2011*. Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

RAMALHO, Cristiano Wellington Noberto. O sentir dos sentidos dos pescadores artesanais. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, v. 54, p. 315-352, 2011.

REIS, Aloísio L. dos. *Brinca quem pode: territorialidade e (in)visibilidade negra em Laguna, Santa Catarina*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1996.

SANTOS, Silvio Coelho dos. *Nova história de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2004

SCHECHNER, Richard. What is performance? In:_____. *Performance studies: and introduccion*. 2.d. New York: Routledge. 2006. p. 28-51.

VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. 3 ed. Rio de Janeiro: Ed Jorge Zahar, 2003.

VELHO, Gilberto. Antropologia Urbana. Encontro de tradições e novas perspectivas. *Sociologia, Problemas e Práticas*, Lisboa, n. 59, p.11-18, 2009.

VELHO, Gilberto. Antropologia urbana: interdisciplinaridade e fronteiras do conhecimento. *Mana*, Rio de Janeiro, v.17, n.1, p. 161-185, 2011.